



Universidade de Aveiro Departamento de Comunicação e Arte
2013

**David Manuel Duarte
Oliveira**

**A apropriação das ferramentas de uma rede social
pelos alunos: um estudo com o SAPO Campus**



**David Manuel Duarte
Oliveira**

**A apropriação das ferramentas de uma rede social
pelos alunos: um estudo com o SAPO Campus**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Comunicação Multimédia, realizada sob a orientação científica do Prof. Doutor Luís Francisco Mendes Gabriel Pedro, Professor Auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro e coorientação científica do Mestre Carlos Manuel das Neves Santos, Professor Assistente do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro.

Trabalho realizado em parceria com o projeto PTDC/CPE-CED/114130/2009, financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Fatores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

o júri

presidente

Prof. Doutor Ana Carla Miguéis Amaro
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

vogal

Prof. Doutor Ademar Manuel Teixeira de Aguiar
Professor Auxiliar da Universidade do Porto

vogal

Prof. Doutor Luís Francisco Mendes Gabriel Pedro
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

agradecimentos

A todas as pessoas que encorajaram, apoiaram e ajudaram a levar a bom porto esta fase, mas principalmente:

Aos meus orientadores Professor Doutor Luís Pedro e Mestre Carlos Santos sem cujas opiniões, sugestões e críticas este trabalho não teria a mesma qualidade;

Aos alunos que participaram neste estudo e que, sem hesitar, aceitaram acompanhar-me neste desafio. Foi a sua participação e entusiasmo que permitiu obter os resultados que sustentam este trabalho;

Aos meus amigos, em especial aos mais próximos, que sempre mostraram apoio e encorajamento;

A toda a minha família que em todas as circunstâncias me ajudaram cada um à sua forma quer na motivação, quer no tempo disponibilizado para eu me poder dedicar a este estudo.

Por fim para a Luísa e para a Gabriela pois veio delas a força necessária para terminar com sucesso esta etapa, pelo impulso que me deram para ser melhor e pelo tempo que não lhes dediquei.

Obrigado a todos!

palavras-chave

Redes Sociais, aprendizagem, SAPO Campus, escola, colaboração, partilha, apropriação, ferramentas tecnológicas

resumo

A proliferação das redes sociais tem facilitado o acesso à informação e a forma como se comunica e colabora. As escolas devem acompanhar esta tendência e não se podem afastar desta realidade. Nesse sentido, devem realizar esforços com o intuito de as integrar no seu dia a dia, nomeadamente no dos seus estudantes.

Esta investigação teve como objeto o processo de apropriação e utilização das ferramentas de uma rede social, denominada SAPO Campus, em contexto de escola, por parte dos alunos, assim como a avaliação das ferramentas que a plataforma disponibiliza.

Para esse efeito, e com o propósito de caracterizar os estudantes e perceber como estes usam as ferramentas da plataforma foi conduzido um estudo em que duas turmas realizaram atividades no âmbito do programa das disciplinas com recurso às ferramentas do SAPO Campus. Posteriormente, foram recolhidos dados através da aplicação de um inquérito por questionário que permitiu fazer a caracterização dos alunos, bem como perceber quais as funcionalidades que estes mais usam nas redes sociais em geral e na rede social em estudo. Foi ainda efetuada uma entrevista para perceber melhor as questões da apropriação pois estas são bastante subjetivas e difíceis de avaliar com dados quantitativos. Os *logs* de utilização da plataforma também foram analisados.

Os dados foram ainda analisados com o intuito de compreender se a abordagem pedagógica do professor influenciaria a forma como os alunos usam as redes sociais e se apropriam das suas ferramentas e ainda se o perfil dos alunos também teria influência nas características dessa apropriação.

Os resultados obtidos demonstram que um elemento essencial na utilização das ferramentas das redes sociais é o próprio professor, uma vez que é um agente que pode potenciar a utilização destas pelos alunos. Um outro resultado relevante sublinha que o perfil dos alunos influencia a forma como estes utilizam a plataforma. Concluiu-se ainda que as ferramentas mais valorizadas pelos alunos na plataforma são os grupos e os blogs e que a ferramenta que os alunos mais gostariam de ver implementada seria uma aplicação de conversação instantânea.

Em relação à questão principal do estudo – Como é que os alunos se apropriam das ferramentas do SAPO Campus? – obtiveram-se resultados interessantes de utilização das ferramentas e, muito embora a resposta não possa ser conclusiva, concluiu-se que a aposta na utilização deste tipo de plataformas nas escolas pode trazer benefícios ao processo de formação dos alunos.

keywords

Social networks, learning, SAPO Campus, school, collaboration, sharing, appropriation, educational tools

abstract

Social network proliferation has facilitated the access to information and the way we communicate and collaborate. Schools should follow this trend and embrace this reality. In this sense, they must make efforts in order to integrate them in their daily routine, particularly in their students'.

This research focuses on the process of appropriation and use of the tools of a social network, called SAPO Campus, used within school context, as well as on the evaluation of the tools that this network offers.

To get to this objective and in order to characterize the students and see how they use the tools of SAPO Campus, a collection and analysis of data were carried out through a questionnaire that allowed not only the characterization of students but also to realize which features they use the most in general in social networks and in the social network under study. An interview was also made for better understanding of the issues of ownership, as these ones are quite subjective and difficult to evaluate with quantitative data. The logs of the platform were also analyzed. Subsequently, based on this information, the data was processed and the results analyzed.

After completed all stages of research, the results were analyzed in order to understand if a pedagogical approach from the teacher influences how students use social networks and appropriate these networks, and if the profile of students also has an influence on the characteristics of such appropriation.

In this study the results show that an essential element in the use of social networking tools is the teacher as he may promote the use of these by the students. Another result is that both the profile of the teacher and the students may influence how they use the platform. It was also concluded that the most important tools of the platform are groups and blogs and the tool that students consider most important to be implemented is the instant conversation tool. As for the subject of study - How do students take ownership of the tools of the SAPO Campus? –interesting results were obtained from the use of these tools and although the answer cannot be conclusive, betting on such platforms in schools can bring benefits to the training process.

ÍNDICE

1	Introdução.....	1
1.1	Caraterização do Problema e pertinência da investigação	1
1.2	Questão de investigação.....	2
1.3	Objetivos da investigação	2
1.4	Apresentação da Estrutura da dissertação.....	3
2	A aprendizagem no século XXI.....	5
2.1	Socioconstrutivismo	5
2.2	Conectivismo.....	7
2.3	A utilização das tecnologias no processo de ensino e aprendizagem	9
2.3.1	O software social como nova ferramenta educativa.....	9
2.3.2	Motivos para a utilização de redes sociais em contextos educativos	11
2.3.3	As redes sociais e as possibilidades de promoção da colaboração e comunicação 12	
2.4	A apropriação VS o uso das tecnologias como uma questão educativa.....	13
2.4.1	O conceito de apropriação.....	13
2.4.2	A apropriação no ensino.....	14
2.4.3	A apropriação de ferramentas da web social	15
2.4.4	A apropriação das ferramentas de colaboração e comunicação.....	16
2.5	A plataforma sapo campus	17
2.5.1	Conceito	17
2.5.2	Caraterísticas e funcionalidades	18
2.5.3	Casos de uso da plataforma	20
2.5.3.1	Casos práticos e testemunhos de utilizadores da plataforma	20
2.5.3.2	Casos de utilização na escola onde decorreu o estudo.....	21
3	Metodologia de investigação.....	23
3.1	Natureza do estudo.....	23
3.2	Procedimentos e faseamento do estudo.....	24
3.2.1	Apresentação da Estrutura do estudo	25
3.2.2	A preparação do sapo campus.....	26
3.2.3	Organização do estudo e Descrição das atividades realizadas	27
3.2.3.1	Atividade turma X.....	27
3.2.3.2	Atividade turma Y.....	27
3.2.3.3	Atividade turma Z.....	27
3.3	Técnicas e Instrumentos de recolha de dados.....	28

3.3.1	Inquérito por questionário	29
3.3.2	Inquérito por Entrevista	29
3.3.3	Análise de Logs	30
3.4	Caraterização do grupo de Participantes e escola.....	30
3.4.1	Caraterização da escola	30
3.4.2	Caraterização dos participantes no estudo	31
3.4.2.1	Turma X	32
3.4.2.2	Turma Y	32
3.4.2.3	Turma Z.....	33
3.5	Procedimentos e tratamento de dados	35
4	Apresentação e discussão dos resultados	37
4.1	Resultados obtidos.....	37
4.1.1	Utilização geral das redes sociais e ferramentas mais usadas na plataforma SAPO Campus	37
4.1.2	Atividade por ferramenta (Posts, estados, comentários, vídeos, fotos)	38
4.1.3	Ferramentas e funcionalidades mais importantes	41
4.1.4	Importância da plataforma	42
4.1.5	Utilização da plataforma	43
4.1.6	Ferramentas a incluir na plataforma	44
4.1.7	Importância do professor	45
4.1.8	Palavras mais frequentes na entrevista.....	45
4.1.9	Atividade na plataforma	46
4.1.9.1	Atividade do professor	46
4.1.9.2	Atividade nos grupos.....	48
4.2	Resultados da análise da atividade na plataforma.....	50
4.3	Exemplos de Apropriação	54
5	Conclusão	57
5.1	Conclusões do estudo	57
5.2	Limitações do estudo.	61
5.3	Estudos fututros	62
5.4	Reflexão final.....	62
6	Referências	65
7	Anexos	71

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Tempo passado nas redes sociais (Nielsen, 2012).....	10
Figura 2 - Etapas da apropriação (Surman, 2003).....	14
Figura 3 - Página do SAPO Campus da Escola Secundária Dr. ^a Maria Cândida.....	18
Figura 4 - Esquema geral do estudo.....	26
Figura 5 - Blog para o storyboard.....	50
Figura 6 – Álbum de fotos para o storyboard.....	51
Figura 7 – Blog formação em contexto de trabalho.....	52
Figura 8 - Grupo de formação em contexto de trabalho.....	52
Figura 9 - Utilização de ficheiros para formação em contexto de trabalho.....	53
Figura 10 – Comunicação da Diretora de turma aos alunos.....	53
Figura 11 - Alunos a tirarem dúvidas.....	54
Figura 12 – Divisão das ferramentas do SAPO Campus em categorias.....	59

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição por sexo turma Y.....	32
Gráfico 2 - Utilização semanal das redes sociais - turma Y.....	33
Gráfico 3 - Utilização diária das redes sociais - turma Y.....	33
Gráfico 4 - Distribuição por sexo turma Z.....	34
Gráfico 5 - Utilização semanal das redes sociais - turma Z.....	34
Gráfico 6 - Utilização diária das redes sociais - turma Z.....	34
Gráfico 7 - Utilização ferramentas do SAPO Campus - turma Y.....	38
Gráfico 8 - Utilização ferramentas SAPO Campus - turma Z.....	38
Gráfico 9 - Vídeos - turma Z.....	39
Gráfico 10 - Vídeos - turma Y.....	39
Gráfico 11 - Fotos - turma Z.....	39
Gráfico 12 - Fotos - turma Y.....	39
Gráfico 13 - Links - turma Z.....	40
Gráfico 14 - Links - turma Y.....	40
Gráfico 15 - Número de <i>blogs</i> - turma Z.....	40
Gráfico 16 - Número de <i>blogs</i> - turma Y.....	40
Gráfico 17 - Uso da plataforma depois do estudo - turma Z.....	41
Gráfico 18 - Uso da plataforma depois do estudo - turma Y.....	42
Gráfico 19 - Atividade professores por tipo.....	47
Gráfico 20 - Atividade exclusiva professores.....	48
Gráfico 21 - Atividade de outros utilizadores relativa aos professores.....	48

Gráfico 22 - Atividade do grupo (por tipo)	49
Gráfico 23 – Atividade dos professores nos grupos	49
Gráfico 24 – Atividade dos alunos nos grupos relativa aos professores	49

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Referências à importância da plataforma por categoria	42
Tabela 2 - Utilização das ferramentas por categoria	42
Tabela 3 - Referências ao que se fez de diferente / tarefas realizadas	43
Tabela 4 - Referências à utilização para atividades não letivas / fora da escola.....	44
Tabela 5 - Referências a sugestões de ferramentas futuras	44
Tabela 6 - Referências a palavras mais frequentes.....	46
Tabela 7 – Atividade geral dos professores.....	47
Tabela 8 - Atividade geral dos professores no mesmo período.....	47
Tabela 9 - Atividade global grupos turmas.....	48
Tabela 10 - Atividade global turmas no mesmo período.....	48
Tabela 11 – Resumo comparativo de utilização entre as turmas	55

1 INTRODUÇÃO

O presente capítulo apresenta uma breve contextualização do estudo realizado, expondo as motivações que lhe estão subjacentes. Deste capítulo fazem ainda parte as questões e objetivos da investigação e uma síntese da estrutura da dissertação.

1.1 CARATERIZAÇÃO DO PROBLEMA E PERTINÊNCIA DA INVESTIGAÇÃO

Em educação, cada vez mais são utilizadas formas alternativas de ensino e aprendizagem. Para além dos métodos tradicionais, surge na escola o discurso, mas fundamentalmente, a necessidade de inovação e mudança. A sociedade está em mudança o que origina uma necessidade de atualização e comunicação na escola que antes não acontecia ou que não era tão premente (Minhoto, P., & Meirinhos, M. 2011).

Para isso, há plataformas tecnológicas que podem fornecer um suporte para essas mudanças. Um exemplo de tecnologias que pode levar a bom porto algumas dessas mudanças é o das redes sociais. Esta tipologia de tecnologias pode ser definida como um conjunto de aplicações que suportam um espaço comum de interesses, necessidades e metas semelhantes para a colaboração, a partilha de conhecimento, a interação e a comunicação (Pettenati *et al.*, 2006, Brandtzaeg *et al.*, 2007).

Numa análise global, cada vez as pessoas passam mais tempo nas redes sociais. Como exemplo, temos que entre julho de 2011 e julho de 2012 houve um incremento de 21% no tempo passado nas redes sociais (Nielsen, 2012).

As redes sociais ganham cada vez mais força fora da escola e parece fazer todo o sentido que também sejam utilizadas dentro das instituições de ensino pois podem ser ferramentas importantes para facilitar a aprendizagem e motivar os alunos para melhorar essa aprendizagem (Minhoto, P., & Meirinhos, M. 2011).

Aplicações como o *Google apps for education*, por exemplo, têm neste momento mais de 20 milhões de utilizadores (Google, 2012). Torna-se, assim, pertinente tentar estudar esta realidade no contexto das escolas, tentando nomeadamente perceber como é que os alunos utilizam as diversas ferramentas disponibilizadas pelas redes sociais.

Mas cada um de nós, e neste caso também os alunos, fazem um uso muito pessoal das redes sociais em que participam. Uns usam mais algumas ferramentas e funcionalidades que elas disponibilizam, outros outras. Quando se usam essas ferramentas e se são usadas para responder a uma necessidade, começa-se a apreender o seu uso e a dar-lhe uma utilização muito específica e diferente da que outra pessoa lhe daria. A isto podemos chamar “apropriação”.

“Apropriação” significa adaptar algo para uma necessidade específica ou desejo, em vez de fazer uma utilização simples. Segundo Pempek et al. (2009), as redes sociais podem ser usadas da mesma forma que os sítios pessoais na Web e de forma personalizada por cada um dos alunos.

Este estudo pretende perceber como é que os alunos de uma escola utilizam este tipo de tecnologia e, para isso, os alunos serão incentivados a usar uma plataforma (neste caso, a plataforma SAPO Campus) no contexto de atividades de colaboração que serão analisadas através dos *logs* de utilização da plataforma e de dados recolhidos através de um inquérito por questionário e de um inquérito por entrevista.

Com os resultados obtidos pretende-se perceber quais as funcionalidades que os alunos mais usam, como as usam e compreender quais as funcionalidades mais importantes e as que possam estar, eventualmente, em falta na plataforma.

É com base na crescente importância das redes sociais, nomeadamente para os estudantes, e com um enfoque declarado na apropriação das tecnologias pelos mesmos, que se enquadra a real pertinência do presente estudo.

O estudo vai adotar como rede social o SAPO Campus, uma plataforma integrada de serviços da Web 2.0 suportada institucionalmente que permite aos seus utilizadores a publicação e partilha de diversos tipos de conteúdos e fontes de informação (Santos, C., & Pedro, L. 2009).

1.2 QUESTÃO DE INVESTIGAÇÃO

Apresentada a temática geral subjacente à presente dissertação, é pertinente expor a questão de investigação elaborada para a orientar. Esta questão serviu de base a todo o estudo, funcionando como um meio para definir com precisão quais os objetivos e temáticas que devem ser abordadas de forma clara e objetiva.

O estudo pretende contribuir para a investigação relacionada com a seguinte questão de investigação, através da realização de atividades de aprendizagem na plataforma SAPO Campus que requerem colaboração:

- Como é que os alunos do ensino secundário (regular e profissional) usam e se apropriam das ferramentas do SAPO Campus?

1.3 OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO

A formulação dos objetivos é também essencial para a identificação do que se pretende alcançar com este estudo.

Deste modo, com a finalidade de responder à problemática do estudo foram formulados os seguintes objetivos:

1. Explorar o estado da arte das redes sociais.
2. Compreender os conceitos de utilização de redes sociais e apropriação destas ferramentas no ensino.
3. Identificar as funcionalidades e ferramentas mais indicadas no SAPO Campus para a comunidade educativa.
4. Compreender o modo como os alunos usam as ferramentas disponibilizadas no SAPO Campus, através da realização de atividades de aprendizagem na plataforma que requerem colaboração.
5. Analisar os resultados obtidos com a realização de tarefas na plataforma pelos alunos e através da aplicação de inquéritos por questionário e entrevista.
6. Avaliar de que forma os alunos se apropriam das ferramentas da plataforma.
7. Perceber de que forma o perfil dos alunos e dos professores influencia a utilização das ferramentas.

1.4 APRESENTAÇÃO DA ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A presente dissertação encontra-se estruturada em 5 capítulos, com o objetivo de simplificar a compreensão e leitura do presente estudo.

O primeiro capítulo, Introdução, pretende expor o contexto geral da investigação, abordando a caracterização do problema e pertinência da investigação e ainda as questões e objetivos de investigação.

O segundo capítulo aborda os principais conceitos teóricos considerados relevantes para a investigação, pretendendo constituir-se como um documento atualizado no que diz respeito às redes sociais, à sua utilização no ensino e explorando algumas das correntes teóricas que enquadram esta problemática. É ainda abordado o conceito de apropriação tecnológica e a forma como esta ocorre em ambiente escolar.

No terceiro capítulo, Metodologia de Investigação, apresenta-se o método utilizado, assim como a justificação dessa escolha metodológica. Descrevem-se ainda os procedimentos e faseamento de investigação levado a cabo e os instrumentos de recolha de dados desenvolvidos e aplicados.

No quarto capítulo, Apresentação e discussão de resultados, é feita a caracterização dos participantes no estudo e são apresentados e discutidos os resultados obtidos na sequência da investigação conduzida.

Por último, no quinto capítulo – Conclusão –, os resultados obtidos com o presente estudo são confrontados com as questões e objetivos da investigação, procurando mostrar como é que esta investigação pode ter contribuído para esta área de investigação. São ainda apresentadas as limitações do estudo e possíveis desenvolvimentos de trabalho futuro de investigação.

2 A APRENDIZAGEM NO SÉCULO XXI

O processo de ensino e aprendizagem é um processo bastante complexo, devido aos seus participantes e à capacidade inerente a este processo de induzir transformações na sociedade.

Na sociedade atual têm acontecido mudanças profundas em todas as áreas, mudanças essas que estão principalmente relacionadas com novas formas de conceber o conhecimento (Castells, 2003).

Para Costa (2009), a sociedade atual apresenta algumas características importantes para a definição da intervenção educativa e este autor considera que, neste contexto, a escola deverá investir na capacidade crítica e no desenvolvimento de competências digitais e transversais (aprender a aprender).

Com o presente estudo pretende-se verificar como se realiza o processo de utilização e apropriação de tecnologias do quotidiano dos alunos nomeadamente as ferramentas das redes sociais, no âmbito de tarefas de aprendizagem e ainda se esse processo é influenciado pelo perfil dos alunos e também dos professores.

É nesta perspetiva, que se é pertinente apresentar e discutir as principais correntes que dão suporte a esta abordagem social do processo de aprendizagem, nomeadamente o socioconstrutivismo e o conetivismo e ainda discutir a utilização de tecnologias no processo de ensino e aprendizagem, nomeadamente o *software* social na promoção da colaboração.

Foi ainda abordado o tópico da apropriação, tentando-se perceber como é que esta ocorre, e mais especificamente, como é que esta ocorre na utilização de ferramentas da *web* social.

Como já foi referido, a plataforma utilizada neste estudo foi o SAPO Campus e, deste modo, foram ainda analisados os conceitos que lhe estão subjacentes, as suas funcionalidades e principais características.

2.1 SOCIOCONSTRUTIVISMO

Em qualquer comunidade virtual os participantes tendem a contribuir para a construção do conhecimento, como resultado da interação, da partilha de conhecimento e experiências. Esse conhecimento é reestruturado e assimilado pelo resto dos utilizadores dessa comunidade através de reflexões, comentários e partilhas criando, assim, as condições para a construção de uma rede de conhecimento (Siemens, 2005).

Estas redes de conhecimento podem ser explicadas por uma abordagem teórica que se designa por construtivismo comunal, uma vez que nas comunidades online os participantes não colaboram somente para construir o seu próprio conhecimento, mas também participam no

processo de construção de conhecimento dos outros membros, permitindo assim que todos os membros aprendam através da interação e que, na mesma medida, colaborem na construção de conhecimento por parte dos outros membros. Esta reciprocidade permite o desenvolvimento da rede de conhecimento que integram.

O construtivismo comunal é uma abordagem proposta, entre outros, por Holmes et al. (2001) apud Ramos et al., (2003) e que tem como base fundamental a ideia de que os alunos não aprendem só com a combinação da construção do conhecimento e da interação com o meio social, mas que defende, de forma mais ampla, que o conhecimento pode também acontecer através das interações sociais em ambientes sociais online, sendo o próprio indivíduo um promotor ativo da construção deste conhecimento. Holmes et al. (2001: pág. 4), afirmam, numa tentativa de definição sintética desta abordagem que o indivíduo deve : “*aprender com os outros e aprender para os outros, rompendo com os limites convencionais da aprendizagem e do currículo*”.

Podemos então definir o construtivismo comunal como uma teoria na qual os indivíduos não só constroem o seu próprio conhecimento (construtivismo) como resultado da interação com o meio onde se encontram (construtivismo social), mas também se encontram envolvidos no processo de construção do conhecimento da sua comunidade (Holmes et al.,2001).

Esta teoria tem como base o construtivismo social, tendo como pressuposto o conceito de mediação de Vygostky. Segundo este autor, o desenvolvimento pessoal acontece através das relações que estabelecemos com os outros, uma vez que quando passamos a interagir socialmente, as funções básicas do indivíduo transformam-se em funções psicológicas mais avançadas como a consciência, organização e poder de análise como resultado de uma reconstrução interna e individual (Cole et al., 2008) influenciada pelo ambiente que o rodeia.

A proposta do construtivismo comunal vai mais longe e afirma que a aprendizagem ultrapassa o domínio individual e passa a combinar também o desenvolvimento coletivo dos ambientes (também os virtuais) em que todos os participantes contribuem para a produção de conhecimento. Holmes et al. (2001) explicam esta nova abordagem como um desenvolvimento da conceção mais restrita do construtivismo social.

De acordo com esta perspetiva, as ferramentas tecnológicas podem permitir uma maior interação entre as pessoas. Holmes et al. (2001: pág. 4) afirmam que “*alunos e professores não estão simplesmente interessados em fortalecer o seu desenvolvimento pessoal mas encontram-se ativamente envolvidos em criar conhecimento que poderá beneficiar outros alunos e professores*”.

Deste modo, aparentemente, as redes sociais podem oferecer novas oportunidades de desenvolvimento social e intelectual onde, com recurso à colaboração e partilha, se pode obter conhecimento seja ele obtido de um modo mais formal ou informal.

Neste contexto, pode-se ainda concluir que interessa não só o que sabemos mas também

a capacidade que temos para aprender mais. E esta capacidade pode acontecer através das ligações que efetuamos nos diversos espaços de aprendizagem de que fazemos parte, realidade que Siemens (2003) define como as nossas “*ecologias de aprendizagem*”. Neste sentido, é importante estar ligado a esses espaços que podem ser boas fontes de informação, de construção colaborativa de conhecimento e de aprendizagem contínua. Estes espaços transcendem as escolas e constituem uma nova “sociedade em rede” em que a colaboração e a partilha de conhecimento assumem um papel muito importante.

2.2 CONECTIVISMO

Hoje em dia torna-se cada vez mais importante estar ligado e fazer parte de redes para que possamos aprender, pois a aprendizagem deixou de ser exclusivamente vista como algo que ocorre apenas na esfera da escola e passou a ser efetuada noutros espaços nos quais o não formal, o informal, o virtual e o físico têm igual importância (Siemens, 2005). Na conjuntura atual, uma mera conversa entre os participantes de uma rede social ou de uma comunidade virtual pode originar diversas aprendizagens. A Web 2.0 torna-se, assim, um meio fértil e propício ao desenvolvimento pessoal, profissional e social dos utilizadores (Mota, 2009).

Deste modo, atualmente, parece ser muito mais importante a capacidade de aprender do que propriamente aquilo que sabemos num dado momento (Siemens, 2005). As ligações que efetuamos através das comunidades e das redes a que pertencemos são um meio de assegurar que continuamos atualizados. A educação formal necessita de acompanhar as necessidades dos alunos e a evolução dos diversos locais de aprendizagem onde estes se encontram. Deste modo, as escolas deverão responder às mudanças de forma a que estas vão ao encontro das necessidades dos alunos e para que a sua aprendizagem se torne eficaz (Siemens, 2003). Segundo este autor, para aprender numa realidade bastante influenciada pelas tecnologias é importante estar-se ligado ao maior número de fontes de informação. Um outro autor refere que a conectividade é essencial na sociedade da informação, mas é fundamental saber ao que nos devemos conectar (Carvalho, 2007). Para além disso, é essencial saber o que conectar, isto é, ter competência para saber selecionar e organizar os conhecimentos que são mais relevantes para a aprendizagem (Carvalho, 2007).

Nesta linha de pensamento, a palavra conectividade alcançou uma importância elevada para muitos autores como Castells, Levy e Salvat, que consideram que o termo *ligação* é, simultaneamente, hoje em dia, quer uma oportunidade de aceder à informação quer uma forma de instituir relações sociais. Levy (1999) considera ainda que a conectividade acaba com as fronteiras do planeta, sendo exequível criar espaços informais de aprendizagem ao mesmo tempo

que se criam espaços de interação entre as pessoas. Para Salvat (2002), finalmente, a conectividade cria um aspeto de grande relevância para potenciar a criação dos próprios processos de aprendizagem numa sociedade tecnológica.

“La generación digital está creciendo en un mundo conectado sincrónica y asincrónicamente. Ambos tipos de conexión ofrecen oportunidades muy variadas para acceder a la información y a las relaciones sociales. Por este motivo, esta nueva generación tiende a pensar de forma diferente cuando se enfrenta a un problema y las formas de acceso, búsqueda de información y comunicación se realizan a partir del uso de las TIC” (Salvat, 2002).

Deste modo, podemos perceber que a conectividade pode favorecer a aprendizagem do nosso tempo e que esta pode ser efetuada através de processos individuais e coletivos (Stephenson, 2004). Como este conceito se tornou bastante importante, o conetivismo surge como uma abordagem teórica que tenta explicar como é que as tecnologias afetam o nosso modo de vida e como aprendemos através delas.

Siemens (2008) traça três competências de que necessitamos, devido aos avanços tecnológicos: a nossa capacidade de criar e partilhar informação e conteúdo; a nossa capacidade de nos conectarmos e dialogarmos com os outros e a nossa capacidade de experienciar uma realidade simulada. Para este autor, as propostas do behaviorismo, cognitivismo e construtivismo são teorias pré-tecnológicas pois baseiam-se no princípio de que a aprendizagem ocorre apenas dentro da pessoa pois, nessa altura, a aprendizagem não era influenciada pelas tecnologias de comunicação. Neste nosso tempo a realidade muda completamente, pois existe cada vez mais informação, de múltiplas fontes, o que requer das pessoas uma capacidade muito mais rápida de avaliar a informação, convocando novos saberes e processos. Assim, a capacidade de conhecer as nossas conexões e sintetizar é preciosa (Mota, 2009).

Apesar disso, o ponto de partida desta teoria é o indivíduo. O conhecimento que este obtém é constituído por uma rede de ligações formada pelas suas experiências e pela interação com as pessoas que fazem parte das suas redes e que, por sua vez, alimentam continuamente essas redes. Este ciclo de desenvolvimento pessoal e social permite que os indivíduos se mantenham sempre atualizados nas suas áreas de trabalho, através das conexões que forma(ra)m (Siemens, 2005).

Por isso, os espaços de aprendizagem informais assumem uma grande importância no processo de aprendizagem, pois podemos aprender não só na escola mas também noutros ambientes que ofereçam espaços de interação entre os participantes como, por exemplo, as redes sociais. Esta premissa é válida também no desempenho de funções profissionais, pois Siemens afirma:

“Know-how and know-what is being supplemented with know-where (the understanding of where to find knowledge needed “ (Siemens, 2004).

Assim, a construção de conhecimento pressupõe, segundo este autor, uma rede de ligações formada tanto pelas interações entre as pessoas como pelas suas próprias experiências (Siemens, 2005).

2.3 A UTILIZAÇÃO DAS TECNOLOGIAS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

2.3.1 O SOFTWARE SOCIAL COMO NOVA FERRAMENTA EDUCATIVA

Podemos definir uma rede social como uma rede de pessoas ou organizações ligadas por algum tipo de relação e que partilham objetivos e valores comuns entre eles. Os autores Alexandro e Norman (2005, pág. 2) definiram-na como “(...) um grupo de indivíduos que, de forma agrupada ou individual, se relacionam uns com os outros, com um fim específico, caracterizando-se pela existência de fluxos de informação. As redes podem ter muitos ou poucos atores e uma ou mais categorias de relação entre os pares de atores”.

Uma das principais características destas redes é a sua abertura, possibilitando novos relacionamentos entre os participantes. Embora isto aconteça, há sempre uma ligação social entre os participantes através da sua identidade. O conceito de rede social é, na sua origem, não tecnológico mas foi sendo potenciado pela tecnologia, adquirindo novas valências e características. Este conceito teve uma implementação tecnológica e a partir dessa materialização chegou-se ao termo *software social*.

(Primo e Brambilla, 2005, pág. 9) definem *software social* como “(...) um número de tecnologias empregues para a comunicação entre pessoas e grupos por meio da Internet. Utilizado através de *websites* ou aplicativos, o *software social* visa a comunicação e a organização de informações. O suporte dado à interação estimula que pessoas com interesses semelhantes compartilhem diferentes ideias. O *software social* pode contribuir também para o debate e negociação de diferenças. Além disso, as possibilidades de publicação na Internet, acessíveis a qualquer internauta, vêm a ser o diferencial mais visível do *software social*”.

Recentemente, o local em que as redes sociais se têm expandido mais é na *Web*. Nos últimos anos, as redes sociais têm crescido em número de utilizadores uma vez que permitem que

os seus utilizadores transponham, de forma simples, os seus interesses para um mundo virtual com milhares de pessoas com quem partilham questões, dúvidas, respostas e curiosidades. Assim, esta realidade passou a fazer parte do dia a dia de muitas pessoas, e muito em especial dos jovens, pois nelas estes revêm-se, interagem, informam-se e comunicam. Como podemos perceber na figura abaixo o tempo passado nas redes sociais tem crescido substancialmente e, como exemplo, os dados recolhidos entre junho e julho de 2012 referem esse mesmo crescimento. Em termos anuais, em julho de 2011 tínhamos cerca de 88 minutos e em julho de 2012 passou-se para 121 minutos por dia.

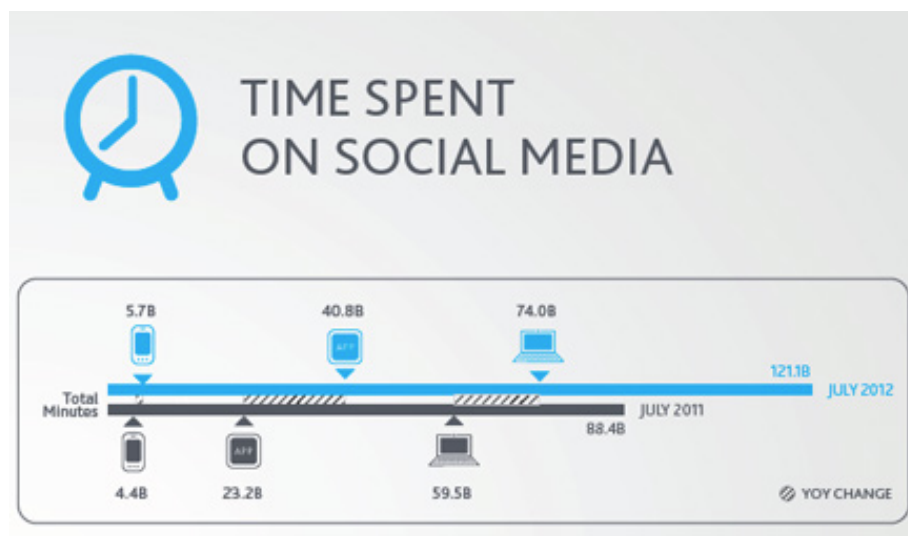


Figura 1 - Tempo passado nas redes sociais (Nielsen, 2012)

A organização da escola dos nossos dias parece não estar ajustada ao perfil destes utilizadores da *Web*. Os alunos têm interesses muito diversificados, integram-se em várias atividades e em muitas áreas de saber, desde os conteúdos que estudam às atividades do dia a dia. Estes só consideram significativos os conteúdos, disciplinas ou avaliações que entendem estar integrados nesta variedade de dimensões e interesses (Gardner, 2000).

Gardner (2000), por exemplo, defende que a escola deve diversificar as suas formas de atuação, privilegiando não só as áreas clássicas da linguagem ou do conhecimento matemático mas incluindo também outras atividades que abranjam outras áreas de interesse dos alunos. Face ao crescimento exponencial das redes sociais nos últimos anos, a escola, os seus processos e objetivos educativos não devem ignorar a influência que estas redes têm nos alunos e na sua maneira de se expressarem e relacionarem pois, neste momento, assistimos a uma nova configuração social do processo de aprendizagem, sendo que a educação deve acompanhar todas estas mudanças que decorrem na sociedade e as instituições devem fazer um esforço de adaptação a estes novos contextos.

Uma das perspetivas que surge da análise desta realidade está relacionada com a

utilização das tecnologias nos processos de aprendizagem formais, trazendo para as atividades escolares alguns padrões e estratégias que estão na base do uso das redes sociais.

A facilidade de comunicação e de acesso à informação que as redes sociais oferecem parece ser assim uma mais valia para a criação de equipas multidisciplinares e de projetos educativos que tenham como objetivo a superação de desafios e a articulação entre o ensino formal e a realidade em que os alunos se encontram (Kenski, 2004).

No entanto, a utilização das redes sociais nas escolas parece encontrar algumas resistências por parte de alguns agentes educativos. Ainda assim, tendo em consideração o impacto que o *software* social pode ter na aprendizagem dos alunos e que tem sido reconhecido como uma mais valia na modificação das suas capacidades cognitivas (Brennand, 2006), a escola deveria levar em conta a utilização das redes sociais nos seus processos de ensino e aprendizagem, procurando desenvolver as múltiplas inteligências dos alunos e ajudando-os a atingirem objetivos no seu espectro particular de inteligências.

Para o desenvolvimento de várias formas de inteligência que o ser humano possui é proveitoso utilizar recursos diferenciados no processo de aprendizagem, recursos mais ligados com a realidade dos alunos, uma questão que a escola não pode ignorar. Ou seja, considerando que o perfil dos alunos de hoje já não é o mesmo do de há poucos anos atrás e as fontes de informação, estímulos e desafios também são mais variados, as redes sociais poderão estimular os alunos para que estes sejam mais ativos e participativos no seu processo de aprendizagem, procurando construir conhecimentos que sejam mais úteis e relacionados com as suas atividades e interesses.

2.3.2 MOTIVOS PARA A UTILIZAÇÃO DE REDES SOCIAIS EM CONTEXTOS EDUCATIVOS

A introdução de redes sociais na escola como ferramenta no processo de ensino e aprendizagem já acontece em algumas instituições. Os alunos trazem para dentro da escola a sua realidade exterior através dos telemóveis, portáteis, MP3, etc., utilizando estes recursos eletrónicos como ponte de ligação aos outros e ao mundo exterior. Deste modo, mesmo sem nos apercebermos ou desejarmos, as redes sociais já se encontram no dia a dia das escolas e, inclusivamente, interferem nas aulas e atividades. Deste modo, os professores e outros agentes educativos devem perceber o papel destas tecnologias e torná-las num elemento a explorar no desenvolvimento das atividades escolares (aulas, pesquisas, trabalhos de grupo, debates e grupos quer com alunos da mesma turma e escola ou até de outras escolas e também como meio de comunicação com pessoas relacionadas com as suas áreas de estudo/trabalho). Estas são

algumas das atividades que podem ser desenvolvidas utilizando as redes sociais como um recurso valioso, pois têm um potencial pedagógico passível de ser explorado uma vez que permitem o estudo em grupo, a troca de conhecimentos e a aprendizagem colaborativa (Bohn, 2009). As redes sociais podem ainda ser usadas como plataforma de discussão, permitindo a partilha de ideias e interação com os outros participantes, cabendo ao professor o papel de saber utilizá-las para atrair o interesse dos jovens, no sentido de favorecer a sua própria aprendizagem, em função das suas características coletivas e interativas (Bohn, 2009).

Outra das potencialidades das redes sociais como ferramenta de aprendizagem está relacionada com a possibilidade de estabelecimento de uma rede virtual de relacionamentos e com o aspeto lúdico, que através da diversão e descontração, faz com que estas tecnologias deixem de ser vistas como um ambiente rígido de aprendizagem e passem a ser vistas como um ambiente de relacionamento, onde se constrói conhecimento através dos comentários e das discussões que se geram. As redes sociais, portanto, parecem possibilitar o encontro de pessoas que, simultaneamente, têm interesses semelhantes e múltiplos pontos de vista, favorecendo a comunicação e ampliando a colaboração, a cooperação e o reconhecimento do outro (Gallo, 2006).

As outras funcionalidades que constituem tipicamente as redes sociais (perfis, jogos, fotos, vídeos, etc.) estimulam a interação e contribuem para uma dinâmica de funcionamento que leva os utilizadores/alunos a terem um interesse sempre renovado em acompanhar o que há de novo e participar, tornando-se desta forma importante ser membro destas comunidades, colaborar com informação ou conteúdo, interagir e estar presente na rede.

Por conseguinte, a introdução das redes sociais na escola permite alterar o dia a dia das instituições, inovando em muitos aspetos como o da interatividade, inovação e atratividade, podendo estas desempenhar um papel motivador na aprendizagem dos alunos (Gallo, 2006).

2.3.3 AS REDES SOCIAIS E AS POSSIBILIDADES DE PROMOÇÃO DA COLABORAÇÃO E COMUNICAÇÃO

As redes sociais, no seu sentido mais tecnológico também designadas por *software* social, representam uma nova maneira de partilhar informações, conteúdos e de interagir. Isto é feito quer através da publicação de conteúdos quer através de comentários, da participação em grupos ou mesmo através de jogos com uma dimensão colaborativa e social. Uma das tecnologias mais usadas atualmente é o *Facebook*. Esta rede social disponibiliza uma vasta lista de ferramentas e aplicações que permitem aos utilizadores comunicar e partilhar informação e conteúdos, assim como controlar quem pode aceder a informação específica ou realizar determinadas ações

(Educause, 2007). Segundo Cheung et al. (2011), a maioria das pessoas usa esta rede para alcançar uma comunicação instantânea com os amigos.

Uma das características interessantes das redes sociais está relacionada com o facto de permitirem que os seus participantes colaborem para um determinado fim – seja ele educacional ou outro – potenciando simultaneamente a colaboração uma vez que possibilitam uma ligação e um intercâmbio constante entre os utilizadores. Assim, as redes sociais podem transformar-se em ambientes onde vários utilizadores colaboram através das ferramentas que permitem a interação. Segundo Santamaria (2010), estas aplicações permitem ainda criar espaços de encontro entre os participantes, permitindo conceber ambientes colaborativos entre estes. Um outro autor (Area, 2010) refere que as redes sociais permitem também que os participantes trabalhem em equipa sem que as pessoas se encontrem no mesmo espaço físico, servindo como espaço para criação de ambientes colaborativos e de encontro entre os participantes no processo de ensino e aprendizagem.

Em suma, podemos concluir que as redes sociais são uma ferramenta que pode contribuir em larga escala para a promoção da colaboração em vários contextos e que se tornaram, nos dias de hoje, num meio por excelência para a comunicação entre as pessoas dentro e fora das organizações. As ferramentas fornecidas pelos serviços de redes sociais podem suportar atividades educativas porque tornam possível a interação, a colaboração, a participação ativa, a partilha de informações e recursos (Selwin, 2007).

2.4 A APROPRIAÇÃO VS O USO DAS TECNOLOGIAS COMO UMA QUESTÃO EDUCATIVA

2.4.1 O CONCEITO DE APROPRIAÇÃO

Quando se fala em apropriação, segundo o dicionário Priberam da língua Portuguesa, este conceito refere-se ao ato de “*Tornar próprio (ex.: apropriar bens), Acomodar, Aplicar, Atribuir, Tornar ou ser adequado ou conveniente*”. Assim, apropriar-se de algo significa utilizar isso no dia a dia. O mesmo acontece na apropriação das tecnologias. Apropriar-se de uma tecnologia significa usar os recursos que esta disponibiliza para as atividades diárias. As tecnologias começam por ser usadas e experimentadas e, posteriormente, sofrem uma adaptação por parte dos utilizadores que procuram adaptar esse recurso às suas necessidades pessoais ou do(s) grupo(s) a que pertencem (Carroll, et al., 2002). Apropriar-se de uma tecnologia representa não só a utilização sem dificuldades dessa ferramenta mas a capacidade de adaptá-la ao que necessitamos.

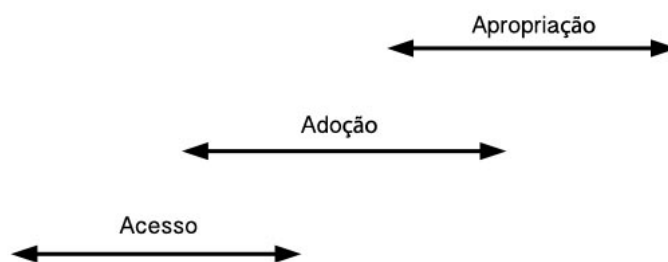


Figura 2 - Etapas da apropriação (Fonte: Surman, 2003)

Um indivíduo pode usar com mestria uma ferramenta quando possui a capacidade de a usar na sua plenitude mas apenas se apropria desta quando desenvolve a capacidade que lhe permite usar essa ferramenta num dado contexto social de uma forma eficaz (Jonsson, 2004). Tendo em conta a quantidade e complexidade de ferramentas disponibilizadas atualmente, é muito possível que os criadores de uma determinada ferramenta possam ter como finalidade um determinado uso e que os indivíduos lhe deem um outro diferente e mais adequado às suas necessidades.

Se alguém se apropria de algo, não se limita a repetir a utilização dessa ferramenta. Em vez disso, tenta criar algo novo. Se escolhermos uma tecnologia e a usarmos de forma diferenciada e criativa, esta pode-nos ajudar a atingir o nosso fim. Para Surman et al. (2003), a diferença entre usar e apropriar é a diferença entre fazer o que é óbvio e fácil com essa tecnologia *versus* tornar a tecnologia em algo que sirva um determinado propósito relevante para quem a utiliza.

2.4.2 A APROPRIAÇÃO NO ENSINO

Quando as tecnologias são apropriadas para contextos de ensino e aprendizagem, respondem a uma necessidade específica num determinado contexto e a sua utilização é integrada numa determinada prática. Mas, para que isto aconteça, é necessário acontecer uma transformação na forma como as tecnologias são usadas, bem como no modo como se pensa e se aprende (Oliveira, 2004). A apropriação não ocorre sem esta mudança.

O paradigma clássico de passagem do conhecimento do professor para o aluno terá de mudar quando se pretende acrescentar as tecnologias de informação e comunicação ao processo de ensino e aprendizagem. Os professores têm de dar espaço para que os alunos tragam para a sala de aula os conhecimentos já existentes, incluindo aqueles que provêm da interação que ocorre na internet. Deste modo, os professores deverão deixar o papel de mestre para se tornarem em guias (Moran, J., 2000).

Na apropriação de tecnologias, estas passam a fazer parte integrante da maneira como os alunos aprendem. Assim, apropriar-se significa pegar em algo exterior e modificar isso de acordo com o que queremos e com as nossas necessidades. Se isso não acontecer, a ferramenta continua externa em relação a nós próprios.

Há várias concepções de apropriação de tecnologias. Para Degele (1997), por exemplo, a apropriação vem da criatividade dos utilizadores para criarem novas maneiras de usar as ferramentas de maneira diferente para o fim que foram criadas.

A apropriação das tecnologias de informação e comunicação pode assim ser definida como: “(..) *um processo onde comunidades e grupos selecionam e adotam ferramentas de comunicação de acordo com as suas diferentes necessidades e adaptam-nas para que estas se enraízem nos seus processos sociais, económicos e culturais*” (Michels et al., 2001).

2.4.3 A APROPRIAÇÃO DE FERRAMENTAS DA WEB SOCIAL

As tecnologias sociais têm por finalidade criar comunidades online para socializar, bem como para a comunicação e colaboração entre pessoas e grupos através da Internet. Utilizado através de *websites* ou aplicativos, o *software* social visa a comunicação e a organização de informações. O *software* social foi inicialmente criado para ser utilizado em contextos fora do âmbito da educação mas, cada vez mais, é utilizado nestes contextos, nomeadamente no ensino superior (Hemmi et al., 2009).

Foi efetuado um estudo sobre a apropriação de tecnologias sociais em 2011 em duas universidades da Malásia e os autores concluíram que não há consenso na literatura existente relativamente à forma como os professores devem utilizar e apropriar as tecnologias sociais em contextos de educação (Hamid et al., 2010). Outros dois estudos feitos em 2009 e que se centraram no uso de tecnologias sociais por estudantes universitários concluíram que o processo de apropriação de tecnologias não é um processo simples e fácil (Kennedy et al. e Hemmi et al., 2009). De acordo com estes estudos, as instituições de ensino lidam, neste momento, com uma geração de estudantes que está familiarizada com as redes sociais e as novas tecnologias e têm de fazer esforços para que essas tecnologias sirvam como suporte às atividades educacionais. No entanto, os conteúdos e as práticas ainda não estão preparados para este paradigma e há um longo caminho a percorrer. As atividades desenhadas para utilização nas tecnologias sociais, devem centrar-se pelo menos em quatro categorias de atividades. Estas são, de acordo com Hamid et al. (2010) atividades de criação, partilha, interação e colaboração social.

A maioria das redes sociais permite aos seus utilizadores a criação e partilha do seu próprio conteúdo de uma forma simples. Por exemplo, podem ser criados conteúdos multimédia para mais tarde publicar e partilhar em sites como o *youtube* ou *slideshare*. Usando as tecnologias

sociais, os estudantes podem facilmente publicar o seu trabalho e as suas ideias em espaços para outros visualizarem, comentarem e fazerem *download* (Anderson, 2007). Mais, a partilha de conteúdos e informação utilizando tecnologias sociais pode significar bastante mais do que publicá-los online. Pode significar melhorias e enriquecimentos futuros por parte das pessoas que os visualizam.

As tecnologias sociais permitem assim a interação entre os estudantes e entre estes e os professores, pois possibilitam que os alunos participem ativamente. Podem deixar comentários num *blog* e pedir mais informações, por exemplo aos professores sobre um determinado tema (Kaplan et al., 2010; Hemmi et al., 2009; Munoz et al., 2009). A interação também envolve a resposta a outros *posts* em *blogs*, a cocriação de conteúdos, o enriquecimento destes, ou a adesão a grupos em redes sociais (Kaplan et al., 2010; Kane et al., 2009).

2.4.4 A APROPRIAÇÃO DAS FERRAMENTAS DE COLABORAÇÃO E COMUNICAÇÃO

As ferramentas utilizadas atualmente na *web*, tais como os *wikis* e *blogs*, têm possibilitado uma enorme participação das pessoas na produção de conteúdos e de conhecimentos e, em alguns casos, as fontes abertas e livres como a *wikipedia* possuem uma qualidade comparável às fontes tradicionais. Um estudo efetuado em 2005 recorreu a especialistas para comparar artigos da *wikipedia* com artigos da Enciclopédia britânica, chegando à conclusão que os artigos analisados estavam com o mesmo nível de exatidão (Giles, 2005). Estas fontes abertas permitiram assim um acesso a fontes de informação que antes não estavam, pura e simplesmente, acessíveis.

Em alguns estudos recentes defende-se que deve haver uma substituição dos modelos usados atualmente no ensino por modelos que favoreçam a interação direta entre os participantes e destes com os objetos de estudo. Nas plataformas utilizadas tradicionalmente nas escolas, como alguns LMS (*Learning Management Systems*), é difícil implementar este modelo mais direto, sendo mais fácil quando se usam ferramentas da *Web 2.0* como o *Facebook* ou *Wikipedia*.

Nas plataformas mais tradicionais como o *Moodle*, a experiência social é mais limitada, enquanto que nas ferramentas como o *Facebook* os utilizadores acompanham de forma mais próxima e direta as tarefas sociais inerentes à realização de uma determinada atividade. Os LMS tradicionais têm alguns componentes sociais mas não permitem que seja a dinâmica online a criar a aprendizagem através da interação social (Amelung et al., 2007).

No que diz respeito às ferramentas *Web 2.0*, estas pretendem ultrapassar o conceito de replicação no espaço virtual das interações normais de uma sala de aula e tentam ter características que levam as pessoas a usá-las num contexto aberto e fora das fronteiras físicas e

geográficas criadas pela instituição.

A própria conceção de Web 2.0 tem como base a componente social, mas as mais recentes tecnologias sociais como o facebook destacam-se destas por oferecerem às pessoas novas maneiras de estas se exprimirem e uma maior facilidade e flexibilidade em termos de partilha, filtragem de relações, de informação e de colaboração (McLoughlin et al., 2007). Uma outra característica destas novas tecnologias é que a gestão (de conteúdos, de comportamentos e da sua própria evolução) é, em grande medida, feita pela própria comunidade.

2.5 A PLATAFORMA SAPO CAMPUS

2.5.1 CONCEITO

O SAPO Campus é uma plataforma de serviços *web* 2.0 que é aberta e de acesso livre e que foi conceptualizada para utilização em contextos educativos, com uma vertente institucional que permite aos seus participantes a criação e partilha de conteúdos e informação. Além disto, comporta ainda uma vertente social que permite que os utilizadores criem o seu próprio espaço de interação e aprendizagem e o partilhem com a comunidade a que pertencem. A plataforma foi criada com o princípio inerente de minimizar as hierarquias existentes nas instituições. Deste modo, todos os utilizadores partilham os mesmos privilégios. A plataforma pretende que os seus utilizadores criem uma realidade escolar mais aproximada da realidade existente fora da escola e que faz parte do seu dia a dia, mais aberta do que a institucional, que permite que os alunos construam o próprio conhecimento e conteúdos com e através da comunidade (Santos, Pedro e Almeida, 2009). A plataforma permite também que exista uma cronologia de registo das atividades e conteúdos criados pelos utilizadores o que se pode tornar uma mais valia para os utilizadores e para a própria instituição.

É assim uma plataforma que vem colmatar algumas necessidades das escolas de hoje, nomeadamente na comunicação entre pares e entre professores e alunos.

Em suma, esta plataforma permite colocar em maior interação toda a comunidade da instituição, do ponto de vista da colaboração, da participação e da partilha, criando um ambiente tecnológico propício à construção de conhecimento e a atividades de ensino e aprendizagem.

2.5.2 CARATERÍSTICAS E FUNCIONALIDADES

A plataforma SAPO Campus tem várias características de rede social e combina-as com outras funcionalidades que estão mais direcionadas às necessidades institucionais que as escolas possuem como, por exemplo, a necessidade de um espaço de divulgação pública dos seus conteúdos. Deste modo, a plataforma fornece vários serviços *web 2.0* às escolas, que podem controlar os níveis de privacidade dos conteúdos publicados na plataforma, ao contrário do que acontece noutras redes sociais. Esta característica é muito importante dado o público-alvo típico da plataforma.

As escolas podem criar páginas para divulgar os conteúdos, conteúdos estes que podem estar abertos ao público, ou ficarem restritos à comunidade escolar: professores, alunos, direção e até encarregados de educação.

Um dos principais objetivos da plataforma é o de que o ensino passe a fronteira da sala de aula para o exterior e que o conhecimento seja construído também com esses contributos externos.

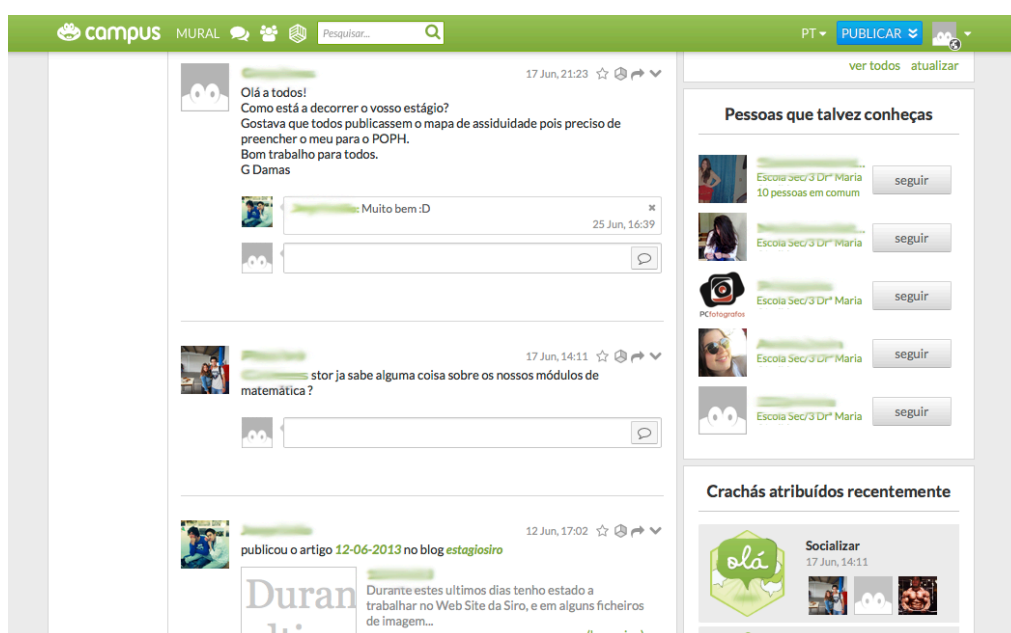


Figura 3 - Página do SAPO Campus da Escola Secundária Dr.ª Maria Cândida

No SAPO Campus cada utilizador da plataforma pertence a uma instituição. Todos os utilizadores registados têm acesso ao mesmo tipo de ferramentas e têm os mesmos privilégios. Os utilizadores de uma instituição podem ainda interagir com utilizadores de outras instituições. Depois do registo do utilizador e de este ter escolhido a instituição, tem de aguardar que os administradores aprovelem o pedido. Depois desta aprovação o utilizador fica com acesso a todos

os conteúdos partilhados pela comunidade escolar.

Cada utilizador pode ainda criar um perfil pessoal onde vê agregados todos os conteúdos por si publicados e criados. Na lógica social e como forma de criar uma rede de contactos com os mesmo interesses, o utilizador pode seguir pessoas da mesma instituição e de outras podendo seguir o que estes publicam. Para uma boa organização de todos os conteúdos partilhados pela rede de pessoas que o utilizador segue, estes encontram-se agregados num mural onde o utilizador pode interagir com as pessoas que segue. Há ainda um mural da instituição onde o utilizador pode seguir e interagir com todos os conteúdos partilhados pela comunidade da instituição.

Como forma de promover a interação, o utilizador pode publicar estados e nestes mencionar outros utilizadores. Pode ainda receber recomendações de conteúdos e pessoas. Estas funcionalidades estão presentes em muitas outras redes sociais como o Facebook ou Twitter.

Outra das ferramentas que permite a promoção da interação são os *badges*. Esta funcionalidade permite que sejam criados *badges* que, posteriormente, podem ser atribuídos aos utilizadores, por exemplo, se estes atingiram um determinado objetivo.

Uma das ferramentas fulcrais do SAPO Campus são os *blogs*. Cada utilizador começa por ter um *blog* inicial, mas pode criar outros *blogs* próprios e participar nos *blogs* das pessoas que segue. No *blog* podem ser publicados *posts* que podem incluir imagens vídeos e ficheiros, sendo dada a possibilidade de escolher em qual dos seus *blogs* o quer fazer. Pode ainda publicar fotos e vídeos, podendo mais tarde consultá-los no seu perfil, ou utilizá-los em *posts* nos seus *blogs*.

Uma outra característica importante no contexto da plataforma SAPO Campus são os grupos. Estes podem ser públicos (toda a comunidade pode aderir e ver), públicos e restritos (toda a comunidade pode ver e comentar mas só se pode aderir mediante a aprovação do administrador) ou privados (apenas os membros do grupo vêm e comentam) e têm notificações. Podem ainda ser publicados links que são automaticamente reconhecidos pela plataforma que permite que se categorize cada um dos links (ler & aprender, ver & ouvir, prazer & lazer).

Uma outra característica que a plataforma possui são as notificações em tempo real. Quando uma pessoa é referida ou é criado algum conteúdo relacionado, esta é notificada pela plataforma via e-mail.

Uma das últimas funcionalidades a ser implementada foram os ficheiros. Existe na plataforma a integração do serviço MeoCloud, um serviço de *cloud* que permite que os utilizadores associem a sua conta neste serviço ao SAPO Campus e tenham os seus ficheiros guardados online. A integração com a plataforma permite, por exemplo, que os utilizadores publiquem ficheiros no grupo e vejam na plataforma os ficheiros que existem na pasta associada ao grupo. É permitido ainda que o utilizador publique o link desses ficheiros.

Cada utilizador tem ainda a possibilidade de gerir a sua conta e por exemplo fazer a gestão

dos dados pessoais e das notificações.

É ainda possível pesquisar qualquer tipo de conteúdos ou pessoas.

2.5.3 CASOS DE USO DA PLATAFORMA

Como casos de uso da plataforma serão apresentados, de seguida, alguns testemunhos e casos práticos de utilizadores da plataforma¹ que se consideram pertinentes, bem como alguns casos que foram implementados no contexto do estudo.

2.5.3.1 Casos práticos e testemunhos de utilizadores da plataforma .

Caso 1 – Utilização da plataforma pela direção da escola para comunicação institucional.

Fernando Franco

Diretor do Agrupamento de Escolas Professor Reynaldo dos Santos

“Com 2 ou 3 cliques, a informação chega a todo o público que eu pretendo, não só às escolas que estão separadas entre si, mas à escola sede”

[...] eles começaram a perceber “bem, há aqui qualquer coisa institucional”

Quando faço uma convocatória, faço-a na plataforma. Quando disponibilizo atas, disponibilizo na plataforma [...]

Eu fui o primeiro empurrão, o giro agora é as pessoas, apropriarem-se da plataforma e perceberem que isto de facto é engraçado, isto de facto facilita [...]

[...] uma forma de um agrupamento com 150 professores estar aglutinado num sítio onde se pode desenvolver um conjunto de atividades.”

Caso 2 – Utilização da plataforma para aprendizagem social.

Fátima Pais

Professora de Ciências da Computação do Ensino Secundário no Agrupamento de Escolas de Serafim Leite e Responsável pela formação creditada do SAPO Campus

“Para mim, a maior mais-valia é o facto de ser um contexto aberto mas controlado”

¹ Casos retirados da página de produto do SAPO Campus: <http://campus.sapo.pt/testemunhos#professores>

O SAPO Campus, assume-se como uma rede social [...] e naturalmente a componente que eu valorizei num primeiro momento foi a interação social.

Há um conceito muito interessante que eu gosto particularmente que é o *augmenting classroom*, de levar a sala de aula para fora do contexto físico onde ela decorre e de facto o SAPO Campus permite fazer isso.

[...] porquê o SAPO Campus e não outras plataformas que existem e estão disponíveis até de forma gratuita?’ “Para mim, a maior mais-valia é o facto de ser um contexto aberto mas controlado, portanto é aberto dentro da comunidade educativa. eu coloco informações, partilho coisas, comento e colaboro em projetos que tenham a ver com a vida escolar, mas não necessariamente a componente letiva e estou num ambiente em que sei que os meus interlocutores, quem vai ouvir, já estão dentro de um determinado contexto e de uma filosofia de escola.”

Caso 3 – Utilização da plataforma no ensino básico.

Sandra Vasconcelos

Professora de Inglês do 1º Ciclo na Escola Básica e Integrada da Torreira

“É um incentivo para eles o facto de terem alunos mais velhos a comentar o trabalho deles, sentem-se super orgulhosos, super valorizados, é muito bom.”

[...] enquanto professoras sentíamos a necessidade de ter um espaço onde pudéssemos, numa primeira fase, divulgar o nosso trabalho.

[...] temos meninos de 5 anos que ainda não escrevem, ainda não leem, então o nosso espaço no SAPO Campus recorre muito a imagens, a vídeos...

[...] tem sido uma experiência muito agradável porque surgem ideias muito interessantes, sobretudo nos comentários ao trabalho uns dos outros vão surgindo coisas muito engraçadas.

[...] os pais confiam, confiam na escola, confiam nas pessoas que estão envolvidas no projeto e vão espreitar muitas vezes o que é que os garotos andam a fazer.”

2.5.3.2 Casos de utilização na escola onde decorreu o estudo.

Caso 1 – Utilização de um grupo pelo diretor de turma

- O grupo é criado pelo professor sendo um grupo fechado
- Os alunos da turma fazem parte do grupo
- Quando há trabalhos/comunicações aos alunos estes são postos no grupo
- Os alunos podem expor dúvidas ao professor em qualquer altura

- Os alunos podem ainda colocar conteúdos que interessem à turma

Caso 2 – Criação de um *blog* e grupo para o seguimento da FCT (Formação em contexto de trabalho)

- O *blog/grupo* são criados pelo orientador de FCT
- Os alunos bem como os orientadores das empresas também são adicionados
- Quando há reuniões/documentos/comunicações são criadas entradas no *blog/grupo* ficando assim documentado temporalmente quando estas aconteceram
- Os alunos também podem documentar o relatório de estágio pelo *blog*

Caso 3 – Utilização de um grupo e *blog* para criação de um projeto multimédia

- É criado um grupo fechado com todos os alunos da turma
- No caso de projetos de grupo todos os aspetos importantes são discutidos no grupo
- No final há uma heteroavaliação dos projetos
- Ao melhor projeto será atribuído um *badge*
- Os melhores projetos são colocados no espaço público da turma para toda a comunidade escolar

3 METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

Para o estudo em questão foi necessário seguir os passos e etapas subjacentes à maioria dos processos de investigação. Assim, neste capítulo começa-se por descrever a natureza do estudo, bem como os seus procedimentos e fases. Descrevem-se também os instrumentos e técnicas de recolha de dados e efetua-se a caracterização dos participantes no estudo. Por fim apresentam-se as atividades levadas a cabo durante o estudo e explicam-se os procedimentos utilizados para o tratamento dos dados recolhidos.

3.1 NATUREZA DO ESTUDO

The strength of the case study method is its ability to examine, in depth, a “case” within its “real-life” context.

(Yin, 2005)

Os estudos de casos são frequentemente utilizados para a obtenção de dados na área dos estudos organizacionais e são um tipo de estudo muito particular. Para serem eficientes, devem ter o seu objeto de estudo muito bem definido, devendo o caso escolhido ser particularmente representativo do problema ou fenómeno a estudar, os materiais e dados recolhidos com precaução, a sua linguagem, clara e homogénea e as conclusões produzidas explícitas, de forma a constituírem novas informações no campo de estudo (Vilelas,2009).

Como sugere Mialaret (1985), o estudo de caso pode dar uma contribuição importante para a investigação científica uma vez que conjuga técnicas de observação com outras técnicas de análise e que conduzem ao estudo global de uma dada situação (Mialaret,1985). Yin (2005), por seu turno, afirma que a principal vantagem do estudo de caso é o facto de se poder analisar o caso no seu contexto real de ocorrência. Esta autora realça ainda uma ideia relacionada com os estudos de caso que considera falsa: a ideia de que este tipo de estudos deve trabalhar com uma *amostra* de um universo. De acordo com Yin, o que se pretende com os estudos de caso é uma generalização analítica e não uma generalização estatística. O procedimento utilizado no presente estudo foi o estudo de caso, porque foi necessário levar a cabo o estudo durante as aulas planificadas para o efeito, e como sugerem os autores acima, a vantagem deste tipo de estudo é analisar o caso no seu contexto. Por outro lado a opção de não se trabalhar com uma amostra do universo da escola em questão tem a ver com o tema do estudo que é a apropriação das ferramentas da rede social SAPO Campus, em que se pretende uma análise de alguns casos e

não uma generalização estatística.

A abordagem utilizada integra-se, deste modo, numa abordagem mista de investigação, pois combina instrumentos quantitativos com instrumentos qualitativos.

Esta abordagem tem como propósito a análise da experiência dos utilizadores, promovendo assim uma construção teórica a partir da observação da realidade num contexto específico (Ravazi & Iverson, 2006).

3.2 PROCEDIMENTOS E FASEAMENTO DO ESTUDO

Com este estudo de caso pretendeu-se perceber como é que os alunos utilizam as redes sociais na sua aprendizagem, mais propriamente como usam as ferramentas dessas redes sociais e como se apropriam destas no contexto das suas atividades escolares. Assim, o estudo conduzido recorreu a uma plataforma tecnológica com características de rede social que foi criada para utilização em instituições de ensino, mais especificamente em escolas. O SAPO Campus, uma plataforma de serviços *web 2.0* aberta e de livre acesso adequada a contextos educativos, foi deste modo uma escolha natural.

Para a operacionalização do estudo foram selecionadas duas turmas com perfis distintos. Uma dessas turmas era do ensino regular e a outra da vertente profissional. O objetivo foi perceber, deste modo, se o perfil dos alunos influencia o modo como estes usam e se apropriam da plataforma escolhida. Por outro lado, o perfil dos professores participantes no estudo era também diferente. Assim, um deles (o próprio investigador) tem como formação de base a área tecnológica (Informática), designado abaixo como professor 1, enquanto o outro professor é da área das línguas (Português), designado como professor 2. Deste modo pretendeu-se também perceber se o perfil do professor terá influência na forma como os alunos utilizam as ferramentas das redes sociais.

O estudo foi assim dividido em duas partes distintas: uma com uma turma do ensino profissional, que decorreu de 29 de novembro de 2012 a 26 de fevereiro de 2013, e uma segunda com uma turma do ensino regular que inicialmente iria decorrer no mesmo período mas, como nessa turma não se obtiveram resultados satisfatórios, acabou por decorrer com uma outra turma de perfil idêntico durante os meses de maio e junho de 2013.

Antes de iniciar o estudo foi pedida autorização à direção da escola para a sua implementação e apresentada ao grupo disciplinar uma proposta de alteração dos critérios da avaliação da disciplina, pois a escola tem critérios globais para todas as turmas e, neste caso, a avaliação teria de ser feita com base nos trabalhos realizados durante o estudo e não se poderia efetuar uma avaliação tradicional. A forma de avaliação pode ser consultada nos anexos com as

planificações (Anexos 2,3 e 4). Posteriormente, o estudo foi apresentado e explicado aos alunos e, através deles, foi enviado um documento aos encarregados de educação no qual constavam os objetivos principais, solicitando autorização para os educandos participarem no estudo (anexo 1).

Como o estudo decorreu em dois tipos de ensino, o regular e o profissional, as planificações tiveram de ser efetuadas conforme o tipo de ensino. No caso do ensino profissional, a atividade decorreu durante a duração de um módulo e foi feita de acordo com as horas definidas para este módulo e de acordo com os critérios de avaliação definidos para os cursos profissionais. Já no caso do ensino regular, a planificação foi feita de acordo com a duração da unidade que o professor estava a lecionar na altura. A planificação detalhada das atividades das unidades programáticas (no caso do ensino regular) e modulares no caso do curso profissional, que foram desenvolvidas com o auxílio da plataforma pode ser consultada nos anexos 2 e 3. De seguida, procedeu-se à construção dos instrumentos de recolha de dados. A implementação do estudo propriamente dita começou pela apresentação aos alunos da plataforma, tendo sido efetuado, numa primeira instância, o seu registo no SAPO Campus. De seguida, foi explicado aos alunos como se iria desenrolar o estudo e quais as tarefas que estes teriam de desempenhar. As unidades do programa foram planificadas e operacionalizadas com recurso a este serviço de rede social.

No fim das atividades foram aplicados o inquérito por questionário (anexo 5) e o inquérito por entrevista (anexo 6) aos alunos participantes no estudo. Após esta fase, os dados recolhidos foram tratados e analisados.

3.2.1 APRESENTAÇÃO DA ESTRUTURA DO ESTUDO

O estudo decorreu em várias etapas, tal como se pode observar na figura abaixo (cf. Figura 4). Numa etapa inicial, foi feita a criação da escola no SAPO Campus e a preparação dos instrumentos de recolha de dados. A segunda etapa consistiu na implementação do estudo propriamente dito com a utilização do SAPO Campus e aplicação do questionário pós utilização e entrevista. A última etapa consistiu na análise e interpretação dos resultados obtidos através dos vários instrumentos de recolha.

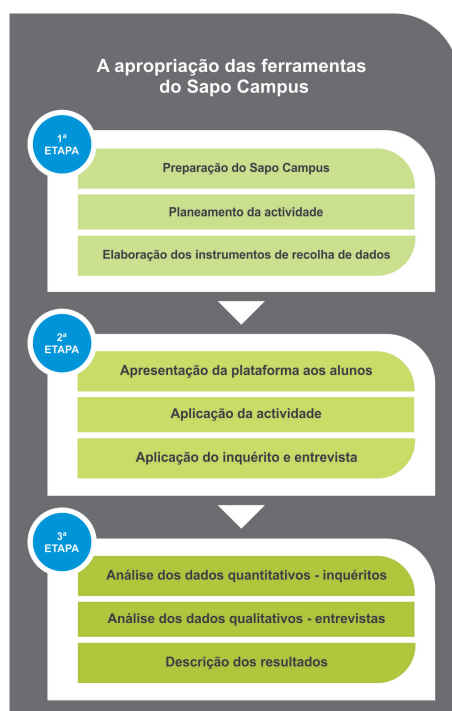


Figura 4 - Esquema geral do estudo

3.2.2 A PREPARAÇÃO DO SAPO CAMPUS

Em outubro de 2012 foi criada a instituição Escola secundária Dr.^a Maria Cândida no SAPO Campus. Para isso, foi necessário a autorização por parte da direção da escola e o preenchimento dos documentos solicitados pela equipa do SAPO Campus, tendo também sido definido que o responsável técnico da escola pela plataforma seria o próprio investigador.

Após o registo na plataforma, foram também registados os alunos participantes no estudo. Para o registo foram dadas instruções aos alunos participantes e foi prestado apoio numa aula para o efeito para completar o registo. Após o registo de todos os alunos e professores intervenientes foi explicado aos alunos a atividade que iriam desenvolver e foram definidos prazos para finalização dessa atividade.

Os resultados do estudo que se apresentam foram obtidos através dos mecanismos de registo de atividade de utilização da plataforma na realização das atividades desenvolvidas com os alunos na escola secundária Dr.^a Maria Cândida em Mira, bem como da aplicação do questionário. Os dados de carácter qualitativo resultam da entrevista que foi efetuada aos mesmos alunos na escola depois do fim da atividade.

3.2.3 ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO E DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES REALIZADAS

3.2.3.1 Atividade turma X

Nesta turma, a adesão foi muito baixa pelo que o trabalho não foi levado a cabo. A atividade desenhada previa a realização de um trabalho na disciplina de Filosofia em que se pretendia compreender a especificidade do discurso publicitário. Os alunos teriam de realizar o trabalho fora das atividades letivas, de forma colaborativa (grupos de 4 alunos), recorrendo livremente às ferramentas que a plataforma *SAPO Campus* disponibiliza (anexo 4).

3.2.3.2 Atividade turma Y

O estudo decorreu na disciplina de Português, no 12º ano do curso de ciências e humanidades, e pretendeu analisar como é que os alunos com este perfil se apropriam das ferramentas da rede social *SAPO Campus* e se, ao mesmo tempo, se poderia conseguir que os alunos desenvolvessem uma dinâmica de aprendizagem colaborativa e as competências previstas no programa da disciplina. Deste modo, a utilização da plataforma pretendia alargar o contexto de aprendizagem da disciplina para um ambiente online onde fosse possível, através de várias ferramentas, apoiar a aprendizagem presencial e permitir uma aprendizagem colaborativa. A atividade previa que, durante o terceiro período, os alunos elaborassem trabalhos que, tendo como objeto de análise o “Memorial do Convento” de José Saramago, apresentassem uma abordagem criativa daquelas que constituem as linhas de força do romance. Desta forma, o tema a abordar seria da inteira responsabilidade do grupo de trabalho, bem como o produto final. Os alunos, se assim o entendessem, poderiam ir lançando, no grupo criado para o efeito na plataforma, mesmo que de forma parcial, os diversos produtos do seu trabalho, podendo também tecer comentários aos trabalhos produzidos pelos outros grupos.

Finalmente, os trabalhos seriam apresentados na aula com o recurso à plataforma *SAPO Campus* (anexo 2).

3.2.3.3 Atividade turma Z

O estudo decorreu na disciplina de Design e Comunicação de Audiovisuais, no 12º ano deste curso, e pretendia analisar, como é que os alunos com este perfil se apropriavam das ferramentas da rede social *SAPO Campus* e se, ao mesmo tempo, se poderia conseguir que os alunos desenvolvam uma dinâmica de aprendizagem colaborativa.

Com as ferramentas da plataforma pretendia-se alargar o leque de opções para a realização do trabalho proposto num ambiente online onde fosse possível realizar o trabalho e estimular uma dinâmica de aprendizagem colaborativa.

A atividade proposta constou na realização de um *storyboard* de um produto audiovisual, que, neste caso, foi a elaboração uma curta metragem sobre um tema à escolha pelos alunos. O trabalho foi realizado de forma colaborativa e foi efetuado em conjunto por todos os alunos da turma. A divisão das tarefas ficou a cargo dos alunos. Como ferramenta colaborativa foi utilizada primordialmente a plataforma SAPO Campus, podendo, no entanto os alunos utilizar outros recursos para levar a cabo a atividade. Esta atividade não foi guiada, querendo isto dizer que os alunos não foram instruídos sobre as ferramentas a usar. O produto final foi o *storyboard* da curta metragem e o respetivo filme. Os trabalhos foram apresentados na aula com recurso à plataforma *SAPO Campus* (anexo 3).

3.3 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

A recolha de dados foi realizada com o auxílio de um conjunto de diferentes técnicas e instrumentos de recolha de dados, necessariamente adaptados à finalidade em que foram empregues. A sua escolha dependeu assim, essencialmente, do objetivo que se pretendeu atingir o qual esteve, por sua vez, ligado ao método de trabalho (Carmo e Ferreira, 1998).

No início do trabalho, a plataforma SAPO Campus foi utilizada no âmbito das disciplinas em questão, seguindo a planificação criada para o efeito.

Como instrumento de recolha de dados foram utilizados um inquérito por questionário, um inquérito por entrevista e o registo de dados que a plataforma faz da atividade dos utilizadores (*logs*). O inquérito por questionário permitiu avaliar quantitativamente o perfil dos alunos e clarificar alguns aspetos relacionados com a sua utilização das redes sociais, da plataforma SAPO Campus e das suas ferramentas. O inquérito por entrevista possibilitou o cruzamento de dados com os outros instrumentos e ainda estudar questões mais subjetivas como o significado pessoal da apropriação das ferramentas. Por fim, a análise efetuada aos *logs* permitiu a quantificação e verificação do tipo da atividade de cada utilizador na plataforma.

O conjunto de todos os instrumentos descritos originou resultados do tipo quantitativo e qualitativo.

3.3.1 INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

No final da fase de operacionalização das atividades foi aplicado um inquérito por questionário (anexo 3) para conhecer a opinião dos alunos sobre a utilização da plataforma e obter dados sobre a forma concreta como a utilizaram e às suas ferramentas. Por esse motivo, as questões foram reunidas em dois grupos principais: aspetos relacionados com a utilização das redes sociais e aspetos relacionados diretamente com o SAPO Campus. Nos aspetos relacionados com a utilização das redes sociais pretendeu-se caracterizar os alunos do estudo relativamente à forma e finalidade de como utilizam as redes sociais no seu dia a dia. Em relação aos aspetos relacionados com o SAPO Campus pretendeu-se perceber como é que os alunos utilizaram as ferramentas da plataforma, que ferramentas utilizaram mais e como as utilizaram na escola e no estudo. Os dados recolhidos foram tratados e analisados e, posteriormente, apresentados sob a forma de gráficos.

3.3.2 INQUÉRITO POR ENTREVISTA

Outro instrumento de recolha de dados que foi utilizado foi uma entrevista individual semiestruturada. Segundo Amado, (2009) neste tipo de entrevista: “[a]s questões derivam de um plano prévio, um guião onde se define e regista, numa ordem lógica para o entrevistador, o essencial do que se pretende obter, embora, na interação, se venha a dar uma grande liberdade de resposta ao entrevistado (...)”.

Deste modo, este instrumento foi escolhido para estudar as questões mais subjetivas e qualitativas de que se reveste o conceito de apropriação e foi aplicado depois da utilização da plataforma, de maneira a perceber de que forma ocorreu a apropriação e colaboração por parte dos participantes.

A entrevista foi baseada em questões direcionadas para as funcionalidades da plataforma e a maneira como estas podem ser úteis aos alunos, nomeadamente na forma de colaboração e comunicação. Este tipo de entrevista permitiu aprofundar questões importantes relacionadas com o objeto de estudo e foi suficientemente flexível para se adaptar às reações e respostas dos entrevistados, permitindo recolher outros dados que se consideraram relevantes. A entrevista era composta por oito questões, em que se pretendeu perceber se os alunos consideravam a plataforma importante no seu percurso escolar, e se esta tem relevância na forma como os alunos comunicam e colaboram entre si e com o professor. Verificou-se ainda quais foram as tarefas realizadas e o que se fez diferente por se ter utilizado a plataforma. A entrevista teve ainda como propósito descobrir que ferramentas se poderiam incluir futuramente na plataforma. Por fim, este instrumento também permitiu recolher dados relacionados com a importância do professor ao nível

da influência destes na utilização das ferramentas por parte dos alunos. Teve ainda como objetivo perceber quais as ferramentas usadas durante a atividade e como essas ferramentas foram usadas, e perceber se os alunos utilizavam a plataforma, na escola, para atividades não letivas, ou fora da escola.

3.3.3 LOGS

Um outro instrumento de recolha de dados utilizado foram os *logs* da plataforma. Estes *logs* são essencialmente dados quantitativos que foram solicitados à equipa de desenvolvimento do SAPO Campus e que serviram para caracterizar os professores, pois não existiam dados sobre estes agentes nos outros instrumentos utilizados. Assim monitorizou-se a atividade dos professores e quais foram as ferramentas mais utilizadas. Os *logs* permitiram ainda monitorizar a atividade nos grupos das turmas do estudo para perceber melhor o perfil dos alunos uma vez que, em conjugação com a análise dos *logs*, foi efetuada uma observação da atividade na plataforma durante o tempo de operacionalização do estudo.

Os dados foram recebidos num formato ainda em bruto e foram tratados no Microsoft Excel para serem apresentados. Posteriormente, foram filtrados pelas categorias consideradas mais necessárias e relevantes em função do objeto estudo.

3.4 CARATERIZAÇÃO DA ESCOLA E DO GRUPO DE PARTICIPANTES NO ESTUDO

3.4.1 CARATERIZAÇÃO DA ESCOLA

A Escola Sec/3 Dra. Maria Cândida situa-se em Mira. Tem 29 turmas, sendo que 16 são do 3.º ciclo e 13 do ensino secundário. No 3.º ciclo, para além das turmas do ensino regular, há também três turmas dos cursos de educação e formação de jovens e uma turma de percurso curricular alternativo. No ensino secundário são ministrados os Cursos Científico-Humanísticos de Ciências e Tecnologias (duas turmas por ano) e de Línguas e Humanidades (uma turma por ano). As restantes turmas são do ensino profissional. É uma escola inserida num meio predominantemente rural, cujas habilitações dos encarregados de educação correspondem essencialmente à escolaridade obrigatória. Contudo, são encarregados de educação interessados, acompanhando, por isso, a vida escolar dos seus educandos e valorizando a escola. Os alunos

são, na generalidade, interessados e apresentam um comportamento adequado na sala de aula, embora haja, como em todas as escolas com estas características, problemas pontuais de indisciplina e desinteresse. Assim sendo, o aproveitamento dos alunos quer a nível da avaliação interna quer a nível externa está perfeitamente enquadrado com o das escolas similares.

3.4.2 CARATERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES NO ESTUDO

Os participantes neste estudo são alunos da escola secundária Dr.^a Maria Cândida em Mira. Foram selecionadas duas turmas desta escola, uma do ensino regular e uma outra do ensino profissional. A razão desta escolha foi tentar abranger os dois tipos de ensino vigentes na escola pública neste momento.

Foi feita uma amostragem não aleatória e intencional na escolha dos participantes, pois o estudo é realizado em contexto de escola. A escolha das turmas foi efetuada pelo investigador, tendo sido uma das turmas lecionada pelo próprio e a outra selecionada pela disponibilidade que um elemento da direção da escola mostrou em integrar o estudo. O facto de, nesta última turma, não terem sido obtidos resultados significativos, levou a que fosse escolhida uma terceira turma do ensino regular. A escolha dessas duas turmas pretende que os resultados obtidos sejam variados, pois como já foi referido anteriormente, são turmas de diferentes tipos de ensino.

Os participantes utilizaram a plataforma na realização de trabalhos propostos pelos professores, conforme a planificação referida e, ao mesmo tempo, forneceram dados quanto a outras ferramentas ou melhorias a integrar na plataforma, pois no fim do estudo foi proposto aos alunos o preenchimento de um inquérito e foi também efetuada uma entrevista com o objetivo de perceber como é estes gostariam de utilizar a plataforma.

Com os dados obtidos dos alunos pretendeu-se obter resultados que demonstrassem quais as ferramentas essenciais da plataforma SAPO Campus, como é que os alunos as utilizavam e que outras poderiam, no futuro, integrar a plataforma.

Participou no estudo uma turma de alunos do 12º ano do curso Humanístico de Ciências e Tecnologias, e uma outra do 12º ano do Curso Profissional de Multimédia. Inicialmente a turma do percurso normal onde o estudo se iria realizar era uma turma do 11º Ano. No entanto, foi escolhida uma outra turma para substituir esta pois nessa não se obteve uma participação significativa. A caracterização das turmas do estudo foi feita com base na aplicação do questionário inicial.

Como forma de anonimizar as turmas optou-se pela utilização das letras X,Y,Z para designar as turmas do estudo.

Todos os alunos destas turmas estão a terminar o ensino Secundário, numa escola onde o acesso à internet pode ser feito nos computadores na sala de aula e na biblioteca, havendo ainda

uma rede *Wifi* disponível. Concluiu-se que a maioria dos alunos tem computadores em casa com ligação à internet. Esta disponibilidade foi essencial à implementação do estudo pois permitiu que os alunos acessem à plataforma frequentemente e sem limitações.

3.4.2.1 Turma X

A turma X do 11.º ano da área de Línguas e Humanidades é formada por 17 alunos, 12 raparigas e 5 rapazes, dos quais quatro são repetentes. Os alunos são normalmente interessados, mas têm revelado alguma resistência aos conteúdos programáticos do 11.º ano. Apresentam algumas dificuldades na análise e compreensão de textos, bem como ao nível da expressão escrita e nem sempre se empenham nas atividades letivas. Disciplinarmente não há incidentes a registar, mas são alunos que se distraem com facilidade, pelo que é necessário adverti-los com alguma insistência. Em termos de avaliação sumativa, no primeiro período, a percentagem de classificações inferiores a 10 foi de 47% e no segundo de 35,2%

Nesta turma, após o registo na plataforma, não se conseguiram resultados significativos pois a participação ficou muito aquém do esperado. Assim, resolveu-se utilizar outra turma para o estudo substituindo esta. Esta questão será abordada no capítulo das conclusões.

3.4.2.2 Turma Y

A turma era composta por quinze alunos com uma faixa etária que variava entre os 17 e 18 anos. Todos os alunos são oriundos maioritariamente da Praia de Mira e frequentaram nesta escola o terceiro ciclo do ensino básico e o ensino secundário.

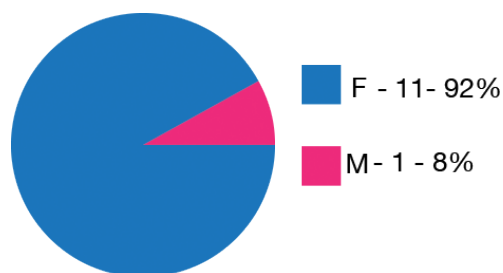


Gráfico 1 - Distribuição por sexo turma Y

Muito expansivos e conversadores, o seu rendimento escolar demonstra algumas dificuldades ao nível da aquisição e aplicação de conhecimentos. Duas alunas têm Necessidades Educativas Especiais, requerendo mais apoio e a aplicação de estratégias de aprendizagem muito

variadas. É uma turma heterogénea, onde algumas alunas, no entanto, têm obtido resultados escolares muito bons.

Nesta turma, 92% dos alunos utilizam as redes sociais todos os dias e 75% dedicam mais do que 1,5 horas por dia a essa atividade, tal como podemos observar nos gráficos abaixo.

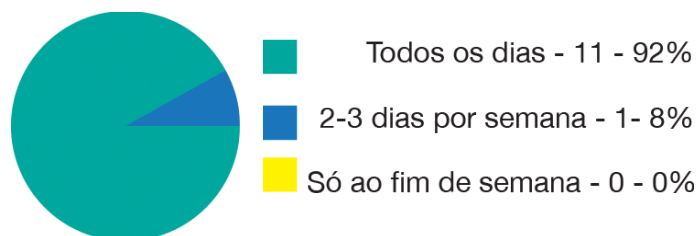


Gráfico 2 - Utilização semanal das redes sociais - turma Y



Gráfico 3 - Utilização diária das redes sociais - turma Y

Em relação à vantagem de ter um perfil numa rede social, 50% consideram que esta permite uma troca de informação rápida e fácil. Por outro lado, 25% consideram que lhes permite encontrar amigos.

Se tivermos em conta a finalidade da utilização das redes sociais, 67% utiliza-as para lazer e entretenimento.

3.4.2.3 Turma Z

A turma era composta por dez alunos, (tendo perdido entretanto um deles por transferência), com uma faixa etária que varia entre os 17 e 19 anos. Os alunos são oriundos de várias freguesias do concelho de Mira e frequentaram nesta escola o terceiro ciclo do Ensino Básico e o ensino Secundário.

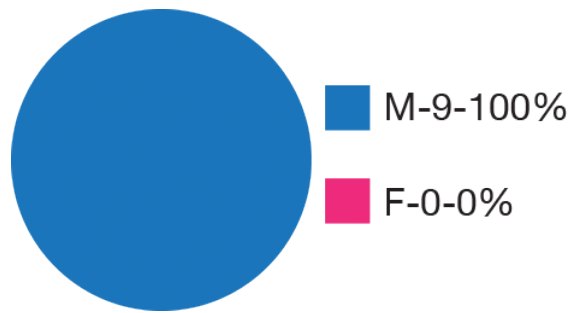


Gráfico 4 - Distribuição por sexo turma Z

Esta turma pertence a um curso profissional de Multimédia, tendo um perfil diferente do perfil dos percursos regulares. É uma turma heterogénea em que se destacam 3 alunos com resultados melhores do que a restante turma.

Nesta turma, 89% dos alunos utilizam as redes sociais todos os dias e 56% dedicam mais do que 1,5 horas por dia a essa atividade, como podemos observar nos gráficos abaixo.

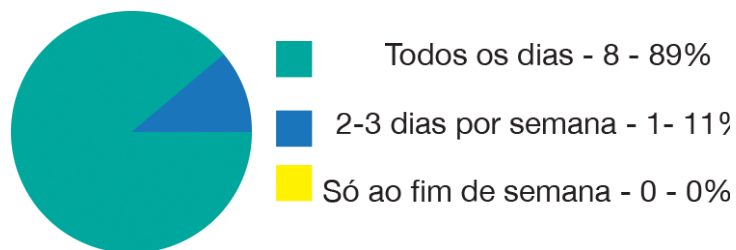


Gráfico 5 - Utilização semanal das redes sociais - turma Z



Gráfico 6 - Utilização diária das redes sociais - turma Z

Se tivermos em conta a vantagem de ter um perfil numa rede social, 44% consideram que esta permite uma rápida e fácil troca de informação. Por outro lado 33% consideram que lhes permite encontrar amigos.

Se tivermos em conta a finalidade da utilização das redes sociais, 56% utiliza-as para atividades de comunicação.

3.5 PROCEDIMENTOS E TRATAMENTO DE DADOS

Com a utilização simultânea de métodos quantitativos e qualitativos pretendeu-se ter algum suporte e triangulação na análise de uma temática que é, necessariamente, subjetiva uma vez que está relacionada com ações e representações pessoais relativas à apropriação de ferramentas tecnológicas

Ainda assim, a maioria dos dados recolhidos tinha natureza quantitativa. Estes dados serviram, essencialmente, para perceber quais as ferramentas mais usadas pelos alunos, em que alturas e com que frequência o faziam. Deste modo, foram tratados de forma objetiva e tiveram, naturalmente, uma expressão quantitativa, de forma a que pudessem ser analisados e discutidos.

Os dados do questionário, por exemplo, foram recolhidos através da plataforma *googledocs* e foram tratados com o Microsoft Excel. Estes dados serviram essencialmente para caracterizar os grupos e também para perceber como é que estes utilizavam a plataforma.

Como o questionário foi implementado usando o *googledocs*, foi possível criar diretamente alguns gráficos com os dados das respostas dos questionários. Foi ainda possível exportar todos estes dados para o Microsoft Excel, para posteriormente os tratar e criar os gráficos necessários para a presente investigação, como por exemplo a caracterização por sexo, idade, utilização das redes sociais e utilização de ferramentas do SAPO Campus.

Os *logs* foram solicitados à equipa de desenvolvimento do SAPO Campus, efetuando-se uma escolha dos que foram considerados importantes. A equipa enviou esses ficheiros com o formato *csv*², que, posteriormente, foram tratados de forma a serem criadas as tabelas consideradas pertinentes e os gráficos correspondentes.

No caso dos dados obtidos através da entrevista, a natureza subjetiva do conceito de apropriação leva a que a interpretação dos dados não seja linear. Deste modo, foi realizada uma análise de conteúdo, categorizando os dados recolhidos nas entrevistas e utilizando um *software* de análise de dados qualitativos.

Para se analisar os dados qualitativos resultantes da aplicação da entrevista foi utilizado o *software* WebQDA³. Para isso foram criadas categorias, *grosso modo* correspondentes aos indicadores do modelo de análise.

As entrevistas realizadas nas duas turmas foram transcritas para ficheiros individuais, no sentido de facilitar a sua análise posterior no *software* webQDA. Todos os ficheiros foram carregados para esta plataforma.

Para uma análise de conteúdo eficaz foi criado, à priori, um modelo de análise (anexo 7) para a entrevista. Neste foram criados nós em árvore, com categorias, subcategorias e

² Comma-separated Values

³ Qualitative Data Analysis

indicadores. Naturalmente, com o decurso da análise surgiram novas categorias e indicadores emergentes, que foram adicionados ao modelo e que resultaram da própria análise de conteúdo.

Estas categorias e subcategorias foram depois transpostas para o *software* e os indicadores foram codificados. Depois desta etapa de análise por recurso ao *software*, foram utilizadas matrizes para a análise das categorias e subcategorias e para cruzar os dados entre as duas turmas.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 RESULTADOS OBTIDOS

Neste capítulo, são apresentados os resultados obtidos através da aplicação dos instrumentos de recolha de dados, estando organizados de maneira a responder à questão de investigação deste estudo.

Com este estudo pretendia-se saber como é que os alunos utilizariam uma rede social e como é que se apropriavam das ferramentas que esta oferece. Neste sentido, apresentam-se em primeiro lugar alguns dados de caracterização dos participantes no estudo. Posteriormente, serão apresentados os dados obtidos com base na resposta dos participantes aos questionários. Estes dados foram analisados por turma e foi feita ainda uma análise comparativa entre as duas turmas. Como os questionários se encontravam divididos em duas partes, uma mais geral para as redes sociais e uma outra, mais específica, para o SAPO Campus, a primeira parte serviu como forma de caracterização dos alunos e para verificar como é que estes utilizam as redes sociais e a segunda para caracterizar a utilização das ferramentas do SAPO Campus. Após a análise dos questionários apresentam-se os resultados obtidos com a entrevista efetuada após a utilização da plataforma. Finalmente, são apresentados os dados provenientes da análise de alguns *logs* de utilização da plataforma e também da atividade dos alunos na plataforma, através da visualização da atividade que decorreu na mesma.

4.1.1 UTILIZAÇÃO GERAL DAS REDES SOCIAIS E FERRAMENTAS MAIS USADAS NA PLATAFORMA SAPO CAMPUS

O perfil geral de utilização das redes sociais pelos participantes no estudo é semelhante nas duas turmas que participaram no estudo. Isso é visível tanto nos valores de utilização semanal (92% vs 89% utilizam todos os dias), como nos valores de utilização diária (89% vs 100% utilizam mais do que 1 hora). Os alunos das duas turmas consideram que a principal vantagem de ter um perfil é a troca de informação. Se a questionados sobre a principal finalidade no caso da turma Y é igualmente a troca de informação, e na turma Z a comunicação.

A análise das respostas aos questionários por parte dos participantes mostrou ainda que, em termos de comparação inicial entre as duas turmas, as 3 ferramentas mais usadas no SAPO Campus pelos alunos foram, para a turma Z, *blogs* (33%), vídeos (25%) e links (21%). Já para a turma Y foram as funcionalidades de publicação de estados (30%), fotos (22%) e posts/links (17% para as 2).

Assim, podemos verificar que há uma diferença a este nível entre os alunos das duas turmas.

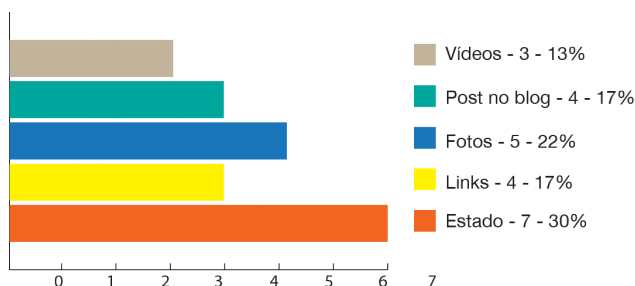


Gráfico 7 - Utilização ferramentas do SAPO Campus - turma Y

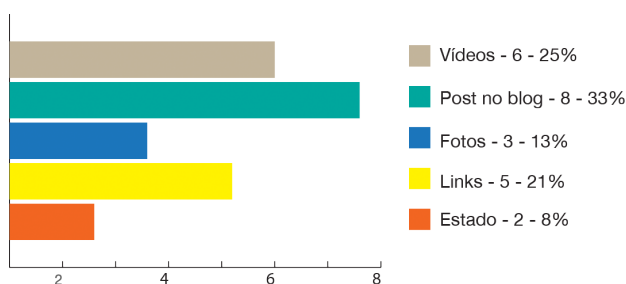


Gráfico 8 - Utilização ferramentas SAPO Campus - turma Z

4.1.2 ATIVIDADE POR FERRAMENTA (POSTS, ESTADOS, COMENTÁRIOS, VÍDEOS, FOTOS)

Se analisarmos as respostas relativas aos *posts* diários efetuados na plataforma, verifica-se que na turma Y 100% dos alunos afirma apenas fazer 1 *post* por dia enquanto que na turma Z 22% fazem entre 3 a 10 *posts* diários. Nos comentários, a situação é semelhante. Aqui também se verifica que os alunos da turma Z utilizaram mais esta funcionalidade do que os alunos da turma Y. Percebemos ainda que na turma Z há 22% de alunos que fazem entre 3-5 comentários e 11% que fazem entre 6-10. Já na turma Y a realidade é diferente pois apenas 8% dos alunos afirma fazer entre 3-5 comentários, enquanto que 92% faz menos de 2 comentários. Podemos perceber, a partir destes dados, que há uma utilização mais intensa dos posts e comentários pelos alunos da turma Z.

Se analisarmos a utilização da ferramenta de vídeos na turma Z (cf. gráfico 9), 67% dos alunos afirmou fazer *upload* de vídeos para a plataforma enquanto no turma Y (cf. gráfico 10) apenas 8% publicaram este tipo de conteúdo.

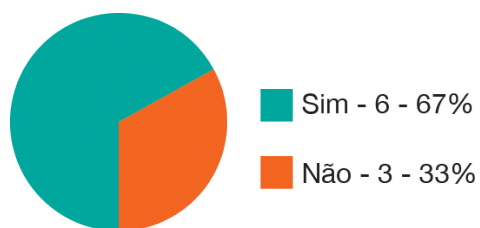


Gráfico 9 - Vídeos - turma Z

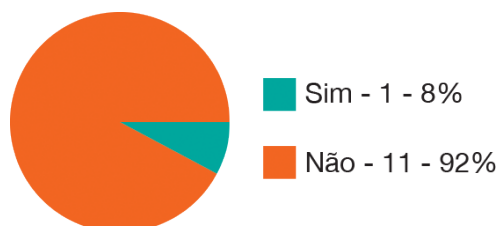


Gráfico 10 - Vídeos - turma Y

No serviço de fotos, 67% dos alunos da turma Z (cf. gráfico 11) afirma que fez o upload de pelo menos 2 fotos enquanto que na turma Y (cf. gráfico 12) este valor sobe para 92%

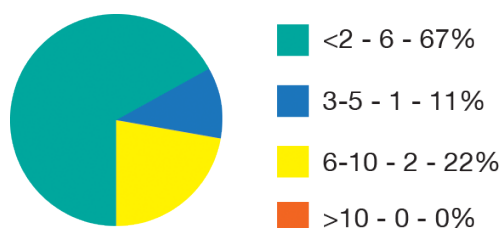


Gráfico 11 - Fotos - turma Z

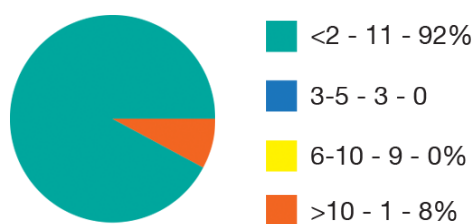


Gráfico 12 - Fotos - turma Y

Na funcionalidade de links, 22% dos alunos da turma Z (cf. gráfico 13) dizem disponibilizar entre 2-10 links por semana, enquanto que na turma Y (cf. gráfico 14) este valor desce para 8%.

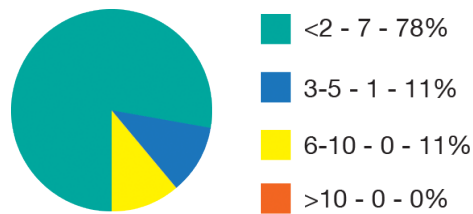


Gráfico 13 - Links - turma Z

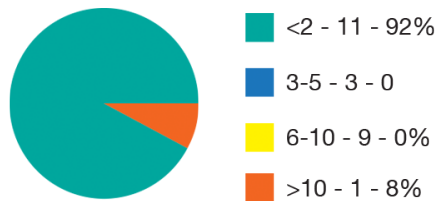


Gráfico 14 - Links - turma Y

Os *blogs* são uma das ferramentas mais relevantes na plataforma SAPO Campus. Se analisarmos a utilização desta ferramenta pelos alunos da turma Z (cf. gráfico 15), 89% dos alunos afirma ter dois ou mais *blogs* para além do *blog* criado inicialmente. Na turma Y (cf. gráfico 16) tal apenas acontece em 8% dos casos.

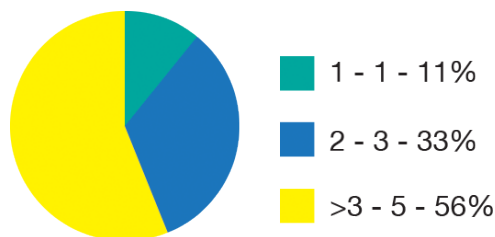


Gráfico 15 - Número de *blogs* - turma Z

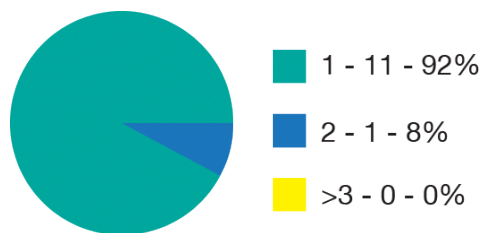


Gráfico 16 - Número de *blogs* - turma Y

Restringindo a análise apenas aos alunos que têm *blogs*, na turma Z 67% dos participantes afirmam publicar semanalmente entre 1 a 3 *posts* no seu *blog* e 33% entre 4 a 7. Na turma Y, todos os alunos fazem apenas entre 1 a 3 *posts* por semana.

No que diz respeito à funcionalidade dos grupos, na turma Z, 22% dos alunos pertence a 1 grupo, 56% pertencem a 2 grupos e 22% a mais de 3 grupos. Na turma Y 17% não pertencem a

nenhum grupo, 50% pertencem só a 1 grupo, 25% pertencem a 2 grupos e só 8% pertencem a mais de 3 grupos.

Em suma, os alunos da turma Z utilizam mais os *blogs*, *posts* e pertencem a mais grupos.

4.1.3 FERRAMENTAS E FUNCIONALIDADES MAIS IMPORTANTES

O questionário contemplou ainda algumas questões relacionadas com a escolha, por parte dos participantes no estudo, das ferramentas mais importantes na plataforma e ainda procurou saber quais seriam, para os participantes, outras funcionalidades relevantes a incluir na plataforma SAPO Campus.

Na turma Z, 89% dos alunos considerou os *badges* uma ferramenta importante para a plataforma. Como outras funcionalidades que gostariam de ter surgem os ficheiros (33%), testes (11%) e agenda (22%). Embora na altura em que decorreu o estudo, os *badges* ainda não estivessem disponíveis na plataforma, entretanto foram lançados. Na turma Y ninguém considera os *badges* importantes para a plataforma, sendo que os participantes afirmaram que gostariam de ter na plataforma uma ferramenta de partilha de ficheiros (25%), testes (33%) e notas (33%). Em ambas as turmas os participantes que escolheram a opção de resposta *Outros* apontam como ferramenta importante a implementar o *chat (instant messaging)*.

Ao serem questionados se vão continuar a utilizar a plataforma depois da utilização no contexto das aulas, 89% dos alunos da turma Z (cf. gráfico 17) afirmam que sim, enquanto que na turma Y (cf. gráfico 18) apenas 50% tem essa resposta, tal como podemos verificar nos gráficos abaixo.

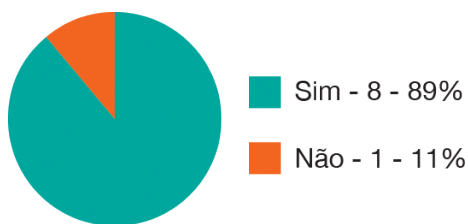


Gráfico 17 - Uso da plataforma depois do estudo - turma Z

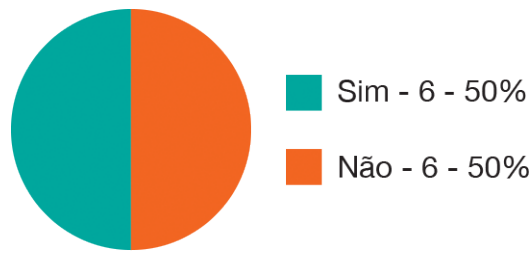


Gráfico 18 - Uso da plataforma depois do estudo - turma Y

Depois da análise efetuada aos questionários, foram analisados os dados qualitativos resultantes da entrevista. Estes dados foram analisados tendo como base o modelo de análise construído para o efeito. Por uma questão de confidencialidade e anonimato, os participantes foram referenciados como participante A1,A2, A3, etc.

4.1.4 IMPORTÂNCIA DA PLATAFORMA

Se tivermos como referência as respostas obtidas quanto à utilização da plataforma (cf. tabela 1) percebemos que a turma Y afirma mais vezes que a plataforma é importante no seu percurso escolar.

Da mesma maneira, também consideram que esta é importante ao nível do trabalho colaborativo e do processo de comunicação.

Matriz	Percurso escolar	Trabalho colaborativo	Melhorar a comunicação
turma Y	22	21	19
turma Z	18	17	17

Tabela 1 - Referências à importância da plataforma por categoria

Por outro lado, se analisarmos a utilização das ferramentas (cf. tabela 2) percebe-se que os alunos da turma Z referem muito mais vezes as ferramentas utilizadas nas 4 categorias. Podemos ver, na tabela 2, a divisão das ferramentas em categorias. Isto pode indicar que os alunos da turma Z utilizam mais as ferramentas em cada categoria.

Matriz	Comunicação	Colaboração	Interação	Partilha
turma Y	1	5	0	11
turma Z	5	14	2	14

Tabela 2 - Utilização das ferramentas por categoria

Se analisarmos ainda a tabela 3, há mais referências aos trabalhos realizados e ao que foi feito de diferente por se ter utilizado a plataforma na turma Z.

Os alunos da turma Y produziram referências mais genéricas como: *podemos comunicar mais rapidamente com o professor (A10), partilhei o trabalho lá (A4) e mostrando ao professor e aos meus colegas o trabalho (A6).*

Os alunos da turma Z, por seu turno, referem atividades mais específicas como: *fizemos a criação no SAPO Campus por posts (A8), storyboard de maneira diferente no SAPO Campus (A8), cada utilizador do SAPO Campus pôs uma fotografia e criámos assim um storyboard diferente e original (A6), com o SAPO Campus criámos um grupo do storyboard (A6), tabelas e HTML (A3).*

O mesmo acontece para as tarefas realizadas, pois os alunos da turma Y fazem menos referências e fazem-no de forma mais genérica:

- A turma Y refere: *publicamos o trabalho (A1), trabalho era composto por imagens (A6), colocava no meu grupo (A6), fizemos um vídeo (A9), postar vídeos e fotografias (A10).*

- A turma Z: *partilhou fotografias e vídeos (A7), com o SAPO Campus criámos um grupo do storyboard (A6), colegas darem os comentários aos trabalhos (A5), grupo ou no blog onde ajudou a partilhar (A4), utilizei o post (A3), um grupo (A1),* Da mesma maneira referem o nome das ferramentas muito mais concretamente.

O facto de os alunos da turma Z referirem de forma mais genérica as atividades realizadas e referirem diretamente as ferramentas da plataforma, poderá apontar que estes utilizaram de forma mais aprofundada as ferramentas. O mesmo acontece para o que fizeram de diferente.

Matriz	turma Z	turma Y
Tarefas realizadas	11	10
O que se fez de diferente	9	6

Tabela 3 - Referências ao que se fez de diferente / tarefas realizadas

4.1.5 UTILIZAÇÃO DA PLATAFORMA

Se tivermos em conta a utilização da plataforma fora da escola e na escola (cf. tabela 4) mas no contexto de atividades não letivas, essa utilização pode-nos indicar que os alunos da turma Z utilizam mais o SAPO Campus do que os alunos da turma Y.

Esta frequência de utilização pode também ser confirmada pelo teor das seguintes afirmações de participantes da turma Y:

- *publicar coisas (A1), um feed onde a escola pode publicar eventos (A6), mostrar coisas aos amigos (A8), através da partilha de documentos entre nós (A9), postarmos coisas relativas à sociedade atual (A10).*

Na turma Z, por seu turno, as afirmações indiciam uma maior frequência de utilização:

- *convivência entre alunos (A1), qualquer evento que passe na escola filmado ou fotografado devia ser partilhado (A4), Serve para comunicarmos (A5).*

Já se tivermos em conta as atividades realizadas na plataforma fora da escola, as afirmações dos participantes da turma Y indiciam um leque limitado de atividades:

- *um grupo para ver os trabalhos(A2), postar os tais documentos(A10), falar com os meus colegas(A10).*

As afirmações dos participantes da turma Z, por seu turno, incluem a referência a mais atividades:

- *Comunicar com os meus colegas (A5), perguntar como vou fazer um trabalho (A5), contactar com os professores (A6), tenho um blog (A9), partilho lá fotografias (A9), partilha de estados(A8).* Este resultado da entrevista é importante, pois os participantes da turma Y parecem revelar uma utilização bastante mais intensiva e para outros fins que não atividades letivas.

Pudemos ainda verificar que os alunos da turma Z mostraram uma utilização muito superior depois da realização das atividades.

Matriz	turma Y	turma Z
Na escola para atividades não letivas	12	12
Fora da escola	3	7

Tabela 4 - Referências à utilização para atividades não letivas / fora da escola

4.1.6 FERRAMENTAS A INCLUIR NA PLATAFORMA

Na pergunta relacionada com ferramentas futuras a incluir na plataforma (tabela 5) pudemos perceber que a turma Y faz mais sugestões de ferramentas futuras. A ferramenta de *chat* é sugerida por 40% dos participantes. Existe ainda uma referência a “*jogos onde houvesse competitividade entre os alunos*” na turma Z – (A6).

Matriz	turma Y	turma Z
Sugestão ferramentas futuras	7	4

Tabela 5 - Referências a sugestões de ferramentas futuras

4.1.7 IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR

Ao fazer-se uma pesquisa pela palavra professor, o número de referências em muitas das entrevistas pode indicar que se trata de um elemento importante na utilização das ferramentas pelos alunos.

Verificamos que houve uma predominância muito maior de referências a este termo na turma Y como se percebe nas seguintes afirmações:

- ao estarmos ligados online com os nossos professores (A1), sim porque tivemos interação com o professor(A2), “sim foi importante porque assim tínhamos o professor mais disponível”(A4) e “porque assim interagimos mais sobretudo com o professor. (A4), na escola no tempo livre não estamos com os professores e quando estamos nas aulas supostamente é para estamos atentos. Podemos tirar dúvidas ou outros assuntos a trabalhar podemos falar com o professor pela rede(A5), nós temos o nosso professor que interage dia a dia (A6), principalmente com os professores, sem ser fora da escola nós não costumamos falar com eles (A7), por exemplo, com o professor, com os colegas nem tanto, já falávamos, mas com o professor podemos falar através da plataforma(A8), É uma comunicação fácil, até com o professor e restantes colegas(A11).

Temos como exemplos na turma Z:

- utilizei o upload de vídeos para mostrar ao professor um filme que nós fizemos (A6), se os professores estiverem integrados no nosso grupo (A8), porque facilita a comunicação entre os professores (A9).

Este resultado aparenta revelar que na turma Y a interação com o professor assume uma maior importância do que na turma Z, o que poderá ser explicado pelo facto dos alunos da turma Y utilizarem a plataforma mais como forma de interação e comunicação com o professor e os da turma Z como forma de partilha entre pares, como foi verificado na análise feita através dos outros instrumentos, nomeadamente no questionário e na análise da atividade da plataforma.

4.1.8 PALAVRAS MAIS FREQUENTES NA ENTREVISTA

Outra análise interessante passou por perceber quais as palavras mais frequentes na entrevista (tabela 6). Se eliminarmos palavras com dimensão mínima de 4 letras, percebemos também que a palavra professor é muito referida, bem como a palavra comunicar e colaborativo. Por outro lado, nesta mesma tabela as palavras grupo, vídeos, *blog*, fotos e *chat* podem ser indicativas da importância destas ferramentas. De destacar a recorrência da palavra *grupos* o que pode indicar a relevância desta funcionalidade.

O facto da palavra professor ser bastante referida poderá indiciar que o professor é muito importante no processo de utilização da plataforma, uma vez que este pode ser um agente potenciador da utilização das ferramentas da plataforma.

Palavras mais frequentes	
ferramentas	95
professores/professor	55
comunicar /comunicação	39
colaborativo	24
grupo /grupos	33
vídeos	20
partilhar	17
chat	11
blog	10
fotos	9

Tabela 6 - Referências a palavras mais frequentes

4.1.9 ATIVIDADE NA PLATAFORMA

Com a análise dos *logs* da plataforma, pretenderam-se atingir dois objetivos: confirmar os dados obtidos através dos outros instrumentos utilizados no estudo e verificar se o perfil do aluno e do professor influenciam a forma como os participantes se apropriam das ferramentas da plataforma. Os dados recolhidos reportam à duração da atividade nas duas turmas. Importa realçar que a atividade da turma Z teve uma duração temporal superior, embora a análise tenha sido efetuada tendo em conta as duas situações: a duração global da utilização da plataforma e a duração da atividade comparada no mesmo período temporal.

4.1.9.1 Atividade do professor

A primeira análise que foi feita foi à atividade do professor. Assim verificou-se que o professor com formação na área de informática tem valores muito superiores no que se refere a entradas globais nas ferramentas da plataforma, como se pode verificar nas tabelas 7 e 8.

Professor 1	245
Professor 2	67

Tabela 7 – Atividade geral dos professores

Professor 1	163
Professor 2	67

Tabela 8 - Atividade geral dos professores no mesmo período

Se fizermos uma análise mais fina por tipo de atividade (cf. gráfico 19) e tivermos em conta o mesmo período percebemos que o professor 1 tem uma atividade muito superior em todos os tipos de serviços da plataforma.

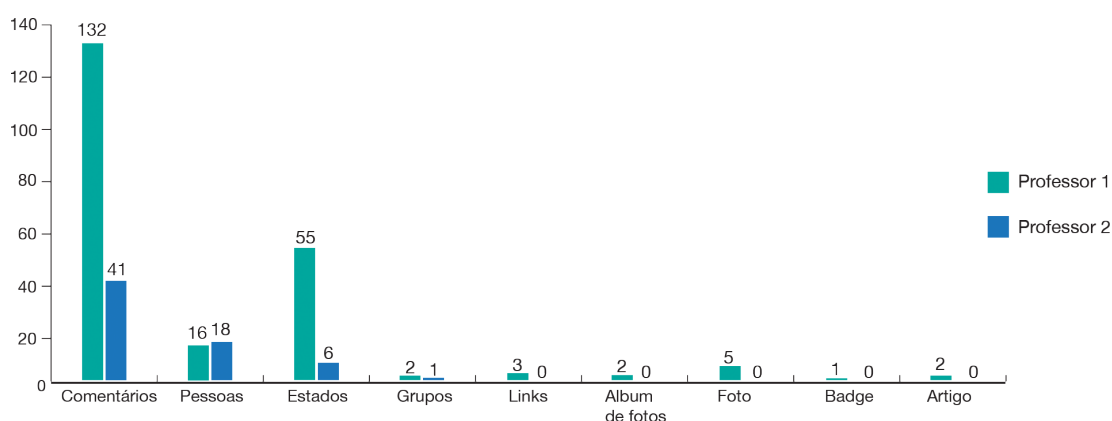


Gráfico 19 - Atividade professores por tipo

Se aprofundarmos esta análise verifica-se ainda que o professor 1 publicou, do ponto de vista quantitativo, muito mais comentários e estados e que, para além disso, participa em mais grupos, publica mais fotos, *badges* e artigos, elementos que o professor 2 não tem.

Importa referir que esta é a atividade total do professor, incluindo comentários de alunos aos *posts* do professor. Se analisarmos e separarmos a atividade exclusiva do professor da atividade dos alunos percebemos que, mesmo assim, o professor 1 tem bastante mais atividade do que o professor 2, tal como se pode verificar nos gráficos 20 e 21.

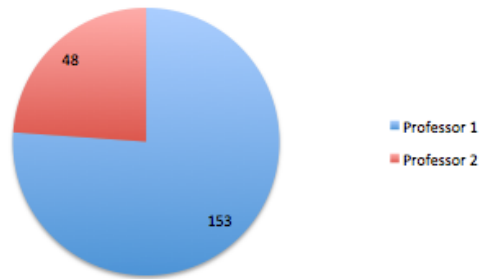


Gráfico 20 - Atividade exclusiva professores

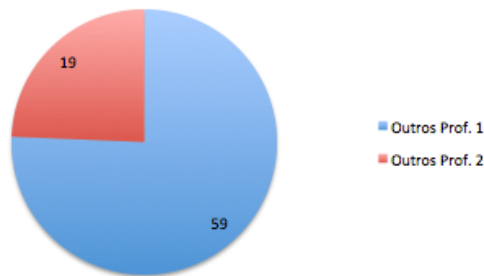


Gráfico 21 - Atividade de outros utilizadores relativa aos professores

4.1.9.2 Atividade nos grupos

Se, por outro lado ao analisarmos a atividade dos grupos criados para as duas turmas, percebe-se que os valores de participação são semelhantes, muito embora a turma Z tenha uma atividade ligeiramente superior, tendo em conta períodos temporais semelhantes (cf. tabela 10). Se tivermos em conta a atividade total esta é superior na turma Z (cf. tabela 9).

turma Y	175
turma Z	251

Tabela 9 - Atividade global grupos turmas

turma Y	175
turma Z	195

Tabela 10 - Atividade global turmas no mesmo período

Se a análise recair sobre a atividade nos grupos criados para cada turma, por tipo de atividade e com períodos temporais semelhantes (cf. gráfico 22), percebe-se que há diferenças

entre as turmas embora esta não seja muito significativa como se pode verificar no gráfico abaixo. De ressaltar que se tivermos em conta a atividade global esta é sempre superior para a turma Z.

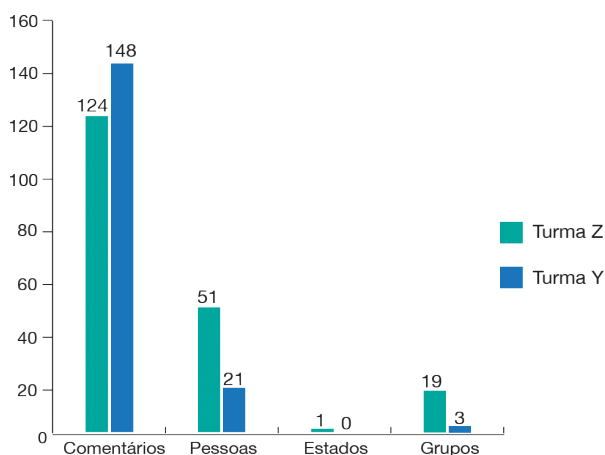


Gráfico 22 - Atividade do grupo (por tipo)

Se na análise para os grupos separarmos a atividade do professor (cf. gráfico 23) da atividade dos alunos (cf. gráfico 24), percebemos que a atividade do professor 1 é muito superior em relação à do professor 2. A comparação da atividade dos alunos dentro de cada um destes grupos permite-nos também verificar que essa diferença diminui significativamente.

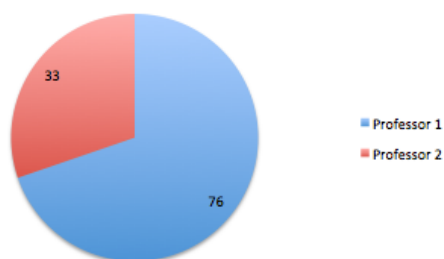


Gráfico 23 – Atividade dos professores nos grupos

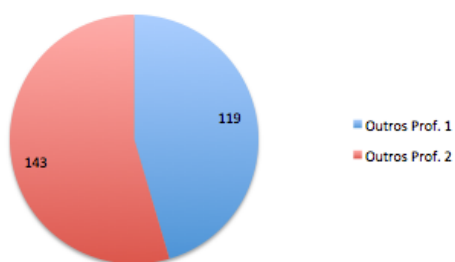


Gráfico 24 – Atividade dos alunos nos grupos relativa aos professores

4.2 RESULTADOS DA ANÁLISE DA ATIVIDADE NA PLATAFORMA

Foi ainda efetuada uma análise aos conteúdos da plataforma criados pelos participantes no estudo, com o objetivo de compreender melhor, neste contexto, alguns dados obtidos através dos instrumentos de recolha de dados.

Desta análise obtiveram-se alguns resultados interessantes. Percebeu-se, por exemplo, que os pontos fortes da plataforma são os grupos e os *blogs*, pois são as ferramentas mais utilizadas pelos alunos. Percebeu-se ainda que um outro ponto forte seria a possibilidade de utilização da plataforma como espaço de comunicação entre a escola e agentes externos como aconteceu no caso da formação em contexto de trabalho. Encontraram-se ainda alguns pontos fracos, sendo estes a falta de um *chat* para os alunos interagirem entre pares. Há ainda alguns indícios de alguma dificuldade por parte dos alunos na utilização da interface.

Ao tentarmos entender como é que os alunos resolveram alguns desses problemas encontraram-se alguns resultados interessantes. Alguns dos alunos utilizaram a possibilidade de edição em HTML⁴ para criar e personalizar tabelas no *blog*. Um outro resultado interessante foi que um dos grupos utilizou o *blog* e um álbum de fotos para a criação de um storyboard, tendo o contributo de quase todos os alunos (<http://campus.sapo.pt/blog/storyboardatoca>) (cf. figuras 5 e 6).

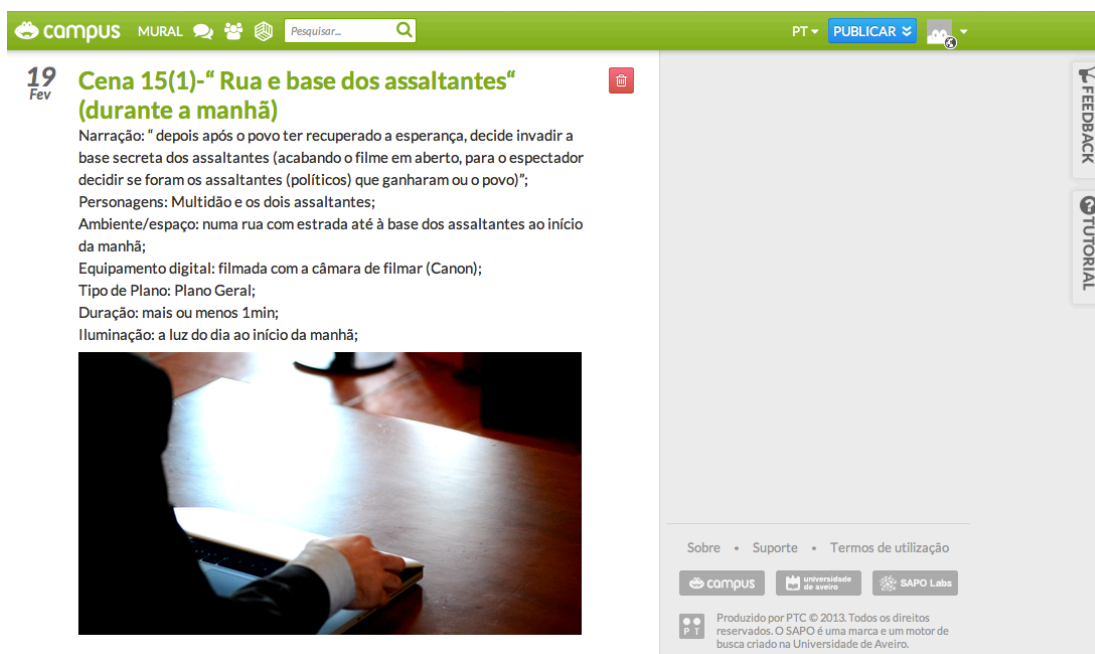


Figura 5 - *Blog* criado para o storyboard

⁴ Hiper Text Markup Language

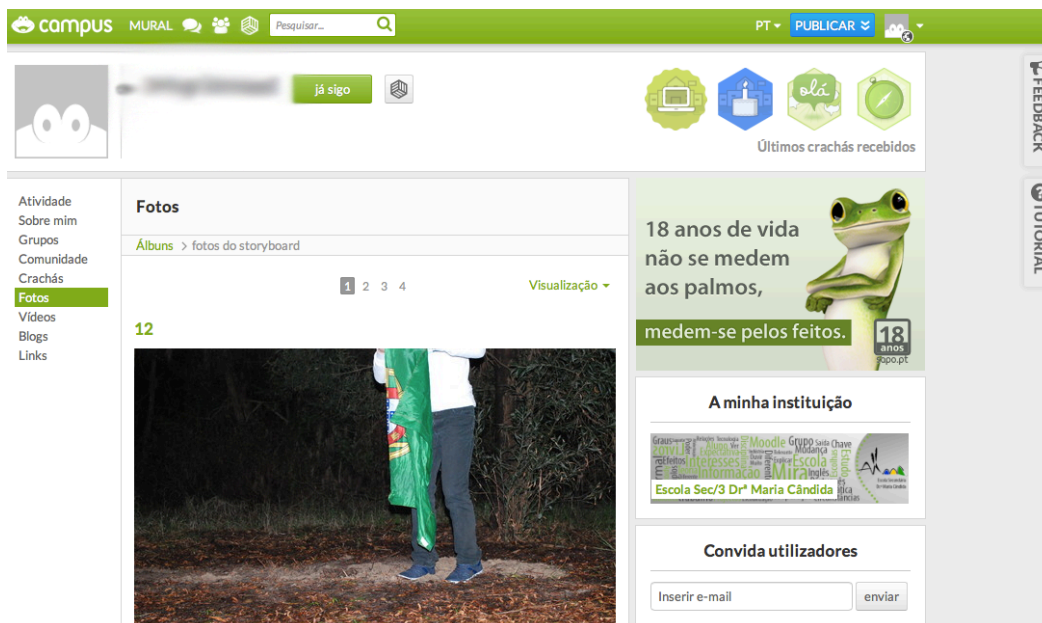


Figura 6 – Álbum de fotos para o storyboard

Para este mesmo trabalho os alunos criaram ainda um *blog* para que pudessem combinar todos os pormenores para as filmagens da curta metragem (<http://campus.sapo.pt/blog/atoca>).

Este *blog* serviu ainda como local de partilha de recursos entre alunos e professores e teve muitos comentários.

Um outro resultado interessante foi o facto dos alunos usarem os *blogs* e grupos para registarem as suas atividades, em jeito de diário de bordo, da formação em contexto de trabalho (cf. Figuras 7 e 8). De referir que esta situação aconteceu depois do fim da atividade em estudo. Assim, podemos confirmar que estes alunos da turma Z continuaram a utilizar a plataforma depois do estudo de forma autónoma, o que vem confirmar alguns resultados obtidos através da aplicação da entrevista. Nestes dados da entrevista, temos que 7 alunos da turma Z afirmam que vão continuar a utilizar a plataforma depois da atividade. Já na turma Y só 3 afirmam que o vão fazer. Como alguns exemplos temos as figuras abaixo.

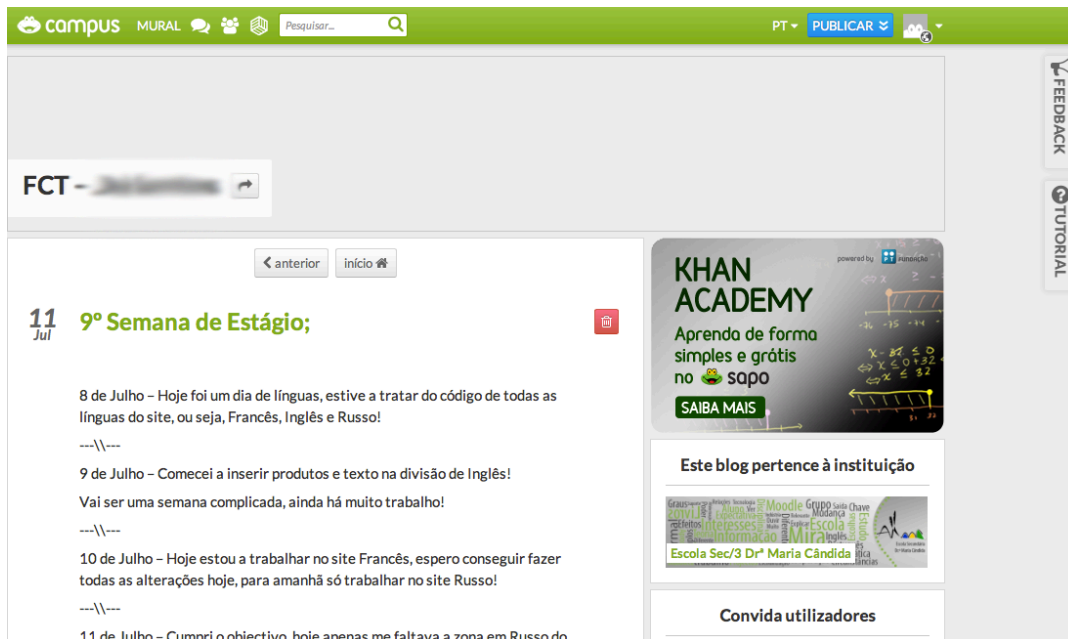


Figura 7 – Blog formação em contexto de trabalho



Figura 8 - Grupo de formação em contexto de trabalho

Os alunos e os professores orientadores da formação em contexto de trabalho nesta fase utilizaram ainda os ficheiros da CloudPT⁵ (cf. Figura 9) e um grupo para simplificar o processo burocrático entre as instituições e para facilitar a comunicação entre estas, os alunos e a escola (cf. Figura 10).

⁵ Durante o estudo a designação passou de CloudPT para MeoCloud

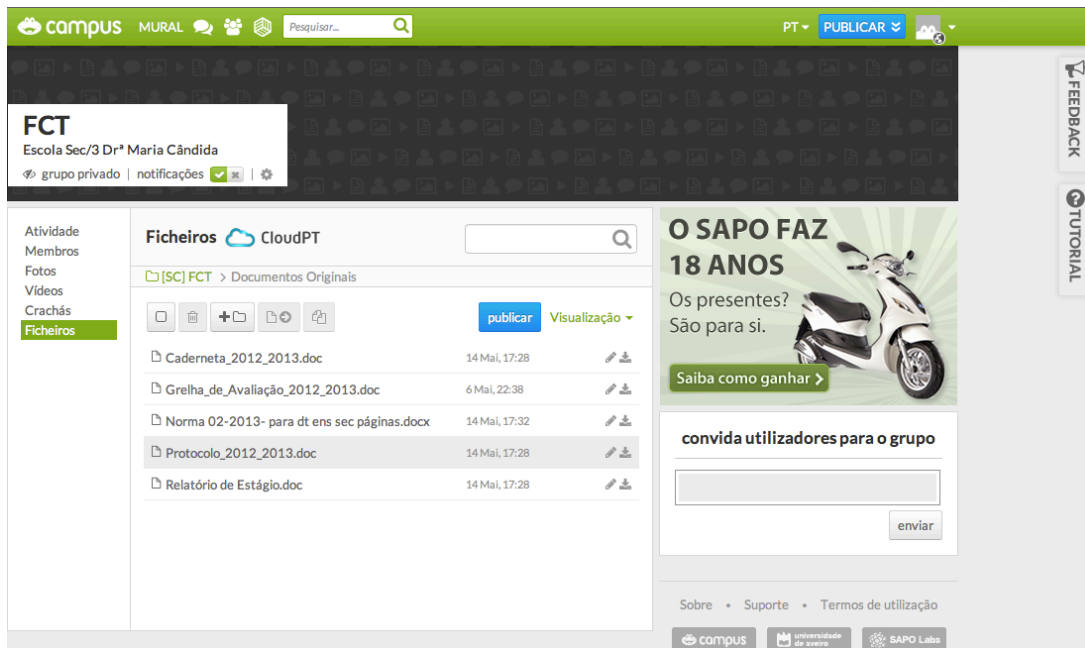


Figura 9 - Utilização de ficheiros para formação em contexto de trabalho

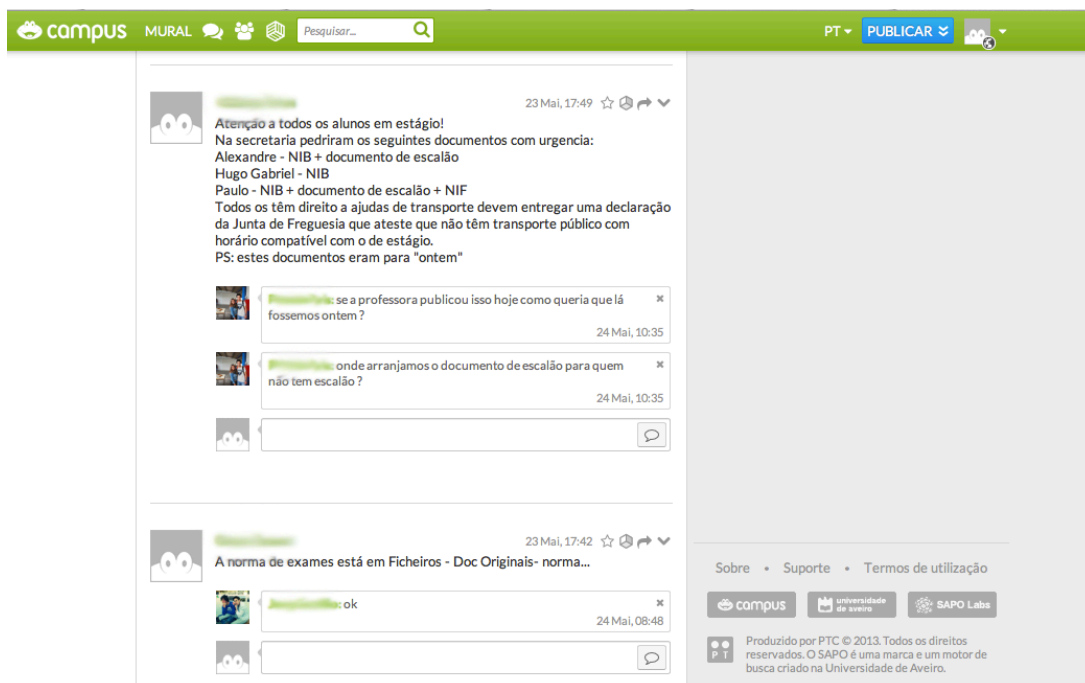


Figura 10 – Comunicação da Diretora de turma aos alunos

Se analisarmos a utilização de algumas ferramentas externas à plataforma percebe-se que, inevitavelmente, os alunos utilizam o *youtube* e o *googledocs*. Durante a atividade vários alunos partilharam links com documentos ou vídeos das plataforma referidas atrás, quer como comentários ou como estados.

4.3 EXEMPLOS DE APROPRIAÇÃO

Ao tentarmos perceber como ocorreu a apropriação das ferramentas por parte dos participantes no estudo, alguns dos resultados obtidos foram bastante interessantes. Percebemos, por exemplo, que os alunos criaram quase imediatamente grupos privados, para comunicarem entre eles sem que os professores pudessem interferir. Criaram ainda um álbum de fotos para a viagem de finalistas, que embora não tenha muitas fotos se constitui como um indicador interessante da apropriação de uma ferramenta da plataforma, para neste caso partilharem fotos dessa viagem ou para interagirem entre pares sem a supervisão de professores.

Houve ainda um aluno que criou um portfólio online para colocar todos os trabalhos que realizou. Percebemos que as ferramentas mais utilizadas pelos alunos são os grupos, *blogs*, fotos e os vídeos. Os grupos serão, porventura, a ferramenta mais utilizada tendo ainda servido como forma de comunicação entre os alunos e a diretora de turma, sem que nenhum dos intervenientes tenha sido solicitado para isso. Os grupos serviram ainda como um espaço para os alunos tirarem dúvidas entre si e também junto dos professores(cf. Figura 11).

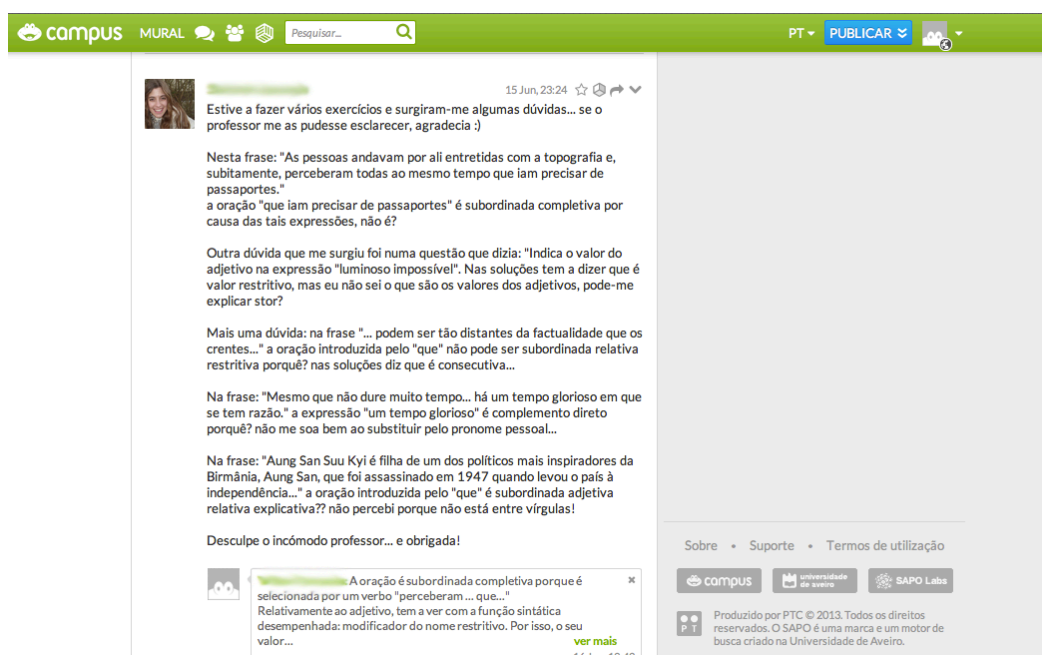


Figura 11 - Alunos a tirarem dúvidas

No caso dos vídeos, temos que os vídeos da plataforma não foram muito usados, apesar de alguns alunos revelarem no questionário uma utilização significativa. Os alunos optaram mais frequentemente por partilhar links com vídeos externos como por exemplo vídeos do *youtube*. Se efetuarmos uma análise comparativa entre as duas turmas neste fator surge a tabela comparativa (cf. Tabela 11).

turma Z	turma Y
Criaram um grupo paralelo privado	Utilizaram os vídeos da plataforma
Criaram grupos e <i>blogs</i> para a FCT	Utilizaram bastante os ficheiros
Criação de um portfólio com os trabalhos	Utilizaram os comentários para tirar dúvidas
Utilizaram pouco os vídeos da plataforma	Publicaram ficheiros com os trabalhos
Utilizaram bastante os ficheiros	Utilizaram links do MeoCloud
	Criaram grupos para o trabalho

Tabela 11 – Resumo comparativo de utilização entre as turmas

Durante o estudo percebeu-se ainda que as duas turmas utilizaram algumas ferramentas para algo que lhes daria jeito, mesmo depois da realização da atividade. Existem dois exemplos para ilustrar esta situação, os alunos da turma Y utilizaram os comentários para, na altura dos exames, tirarem dúvidas com o professor da disciplina, enquanto que os alunos da turma Z criaram grupos e *blogs* para criarem um diário de bordo com as atividades que desenvolveram durante o estágio.

5 CONCLUSÃO

Neste capítulo vão ser apresentadas as principais conclusões decorrentes do estudo, tendo por base a análise dos resultados obtidos.

Este capítulo encontra-se dividido em quatro secções. A primeira secção apresenta as principais conclusões com o objetivo de responder à questão de investigação e aos objetivos do estudo, a segunda trata das limitações do estudo, a terceira oferece linhas orientadoras para estudos futuros e na quarta efetua-se uma reflexão final acerca do estudo realizado.

5.1 CONCLUSÕES DO ESTUDO

A utilização das redes sociais tem tido um forte crescimento nos últimos anos. Todas as instituições e empresas têm de acompanhar o seu crescimento e adaptar-se a esta nova realidade. Do mesmo modo as escolas, pelo facto de uma grande parte dos utilizadores das redes sociais se encontrarem precisamente em idade escolar, terão de se ajustar a esta realidade. Assim, torna-se importante estudar esta realidade no contexto escolar e tentar perceber como é que os alunos utilizam as redes sociais e as ferramentas que estas disponibilizam.

As potencialidades das redes sociais em geral e as do SAPO Campus em particular são relevantes e, pelo facto de o dia a dia dos jovens se passar maioritariamente dentro da escola, o seu potencial de contribuição para as atividades de ensino e aprendizagem, de colaboração e outras atividade ligadas à escola deve ser tido em conta. Trata-se então de tentar trazer as escolas para fora dos seus muros e aproveitar a aptidão que os alunos têm para interagir nas redes sociais em benefício próprio.

Com base nestas premissas, o presente estudo foi sustentado tendo como princípio a metodologia de estudo de caso, seguindo os passos que este contempla e tendo como principais objetivos compreender como é que os alunos do ensino secundário e profissional utilizam as redes sociais. Além disso, e como principal objetivo, pretendeu-se perceber como é que estes se apropriam e utilizam as ferramentas da rede social SAPO Campus.

Para atingir este propósito foram analisadas fontes de informação nomeadamente outras redes sociais deste tipo e diversa bibliografia que englobava as correntes teóricas que fundamentam as redes sociais. Com base nesta análise foram planificadas atividades para a realização do estudo, sendo criado ainda um questionário para aplicação pós-estudo. Foi também delineada uma entrevista para aplicar aos participantes no estudo no fim da atividade. Para pesquisa do conteúdo da entrevista foi criado um modelo de análise e utilizado um *software* para

dados qualitativos. Por fim, foram ainda analisados alguns *logs* da plataforma e conteúdos criados para confirmar algumas conclusões dos outros instrumentos.

Tentando obter uma resposta para a questão de investigação deste estudo: “*Como é que os alunos se apropriam das ferramentas da rede social SAPO Campus?*”, e procurando atingir os objetivos da investigação, é importante identificar as funcionalidades e ferramentas mais indicadas para o SAPO Campus. Chegou-se à conclusão que são os *blogs* e os grupos, sendo que nas duas ferramentas houve uma utilização superior pela turma Z. A turma Y revelou uma maior utilização das ferramentas fotos e vídeos. Para reforçar esta conclusão surgem nas entrevistas as palavras comunicação, colaborativo, grupos, vídeos e partilhar.

Uma das ferramentas implementada recentemente foram os *badges*. Relativamente a esta ferramenta, concluiu-se que a turma Z os considerou importantes, ao contrário da turma Y, onde ninguém o fez.

Um dos objetivos da investigação passava por perceber quais as ferramentas importantes a implementar no futuro. A este nível o *chat* sobressai pois tem uma percentagem significativa de alunos a referi-la como uma ferramenta necessária no futuro. Surgem ainda na entrevista como ferramentas importantes a incluir os ficheiros (entretanto disponibilizados), testes e agenda. Estas sugestões são comuns às duas turmas, sendo de notar que os alunos da turma Y sugeriram mais ferramentas.

Outro dos objetivos da investigação era verificar de que forma os alunos utilizam as ferramentas disponibilizadas no SAPO Campus e compreender como se apropriam destas. Neste contexto e analisando as entrevistas assim como o modelo de análise desenvolvido, surgiram 4 categorias para o modo de utilização das ferramentas, sintetizadas no esquema seguinte (cf. Figura 12):

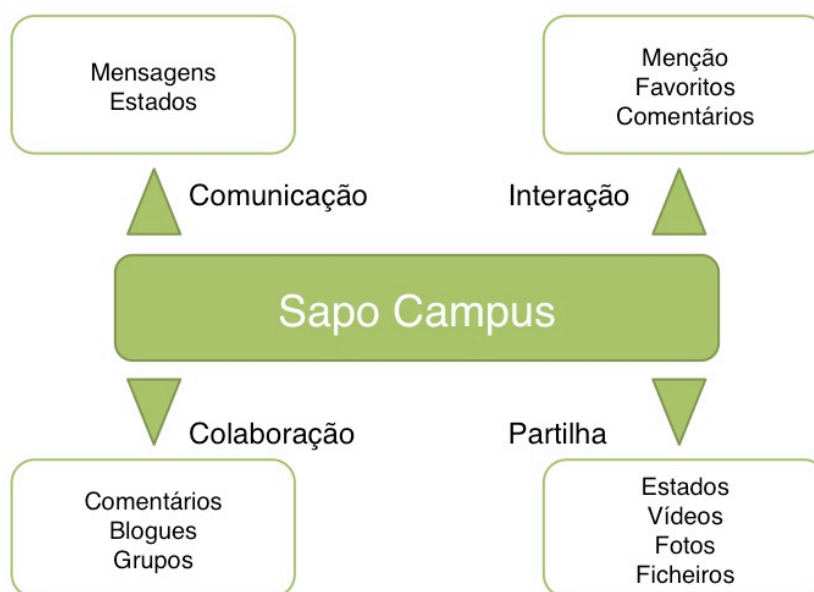


Figura 12 – Divisão das ferramentas do SAPO Campus em categorias

Este esquema revela-se importante pois poderá refletir, de uma forma global, a maneira como os alunos utilizam e se apropriaram das ferramentas e funcionalidades da plataforma nas atividades de aprendizagem. Nesse contexto, verificou-se que os alunos da turma Y utilizaram mais a plataforma como um meio de comunicação e interação com o professor e que a turma Z utilizou mais a plataforma como um meio de interação e colaboração.

Podemos ainda concluir da análise das entrevistas que a turma Y considerou em mais referências que a plataforma é importante no percurso escolar e no processo de comunicação e que os alunos da turma Z referiram mais vezes utilizar as ferramentas da plataforma, sendo essas referências mais diretas. Isto aconteceu quando os participantes foram questionados sobre as tarefas realizadas e também no que fizeram de diferente por utilizarem a plataforma. Esta análise vem reforçar que os alunos da turma Z, possivelmente, utilizaram mais e de forma mais aprofundada as ferramentas do SAPO Campus.

Uma outra conclusão importante para este contexto foi que a turma Z utilizou mais a plataforma fora da escola e depois da atividade. Este facto confirmou-se também nos dados recolhidos através de outros instrumentos.

Para ajudar a responder à questão de investigação e ao outro dos objetivos do estudo, que era perceber de que forma os alunos se apropriam das ferramentas da plataforma, aquando da análise dos *logs*, em 10 *blogs* analisados, 4 destes faziam parte da FCT (Formação em Contexto de Trabalho).

Aquando da realização da FCT, percebeu-se que alguns alunos tiraram proveito de algumas funcionalidades da plataforma para as aproveitarem como ferramenta para o seu estágio profissional. Neste contexto podemos referir a utilização de grupos e *blogs* para registarem as

tarefas que realizaram durante o estágio final do curso. Concluiu-se assim que estas ferramentas foram utilizadas de uma forma muito própria e para um objetivo individual e isto aconteceu depois da realização da atividade proposta neste estudo.

Também da análise dos conteúdos da plataforma demonstrou-se que, para a execução dos trabalhos solicitados, os alunos da turma Z utilizaram mais as ferramentas da plataforma de forma a tirarem partido destas para a realização do trabalho solicitado. Por exemplo, criaram um *blog* e um álbum de fotos para a criação de um storyboard com o contributo de todos os alunos. Já os alunos da turma Y criaram pequenos filmes para o trabalho da atividade.

Outro aspeto verificado foi a criação de um grupo paralelo para comunicarem entre eles sem a eventual supervisão por parte dos professores. Houve ainda um aluno que criou um álbum de fotos da viagem de finalistas e um outro que usou a ferramenta ficheiros para guardar um portfólio de todos os trabalhos que havia realizado até então. Estas conclusões ajudam diretamente na resposta à questão de investigação.

Conclui-se ainda que os alunos da turma Z ficaram mais entrosados com a plataforma, embora na turma Y tenham surgido trabalhos bastante criativos. Um resultado interessante é que todos os alunos tenham voltado a usar a plataforma depois do fim da atividade e muito embora os da turma Y o tenham feito em menor escala, fizeram-no, por exemplo, para tirar dúvidas para o exame da disciplina, tendo havido resposta por parte do professor.

Isto leva-nos a um outro objetivo da investigação que era perceber de que forma o perfil dos alunos e dos professores influencia a utilização das ferramentas. Os alunos dos dois tipos de percursos analisados, os alunos do ensino regular e os do ensino profissional, têm um perfil de utilização das redes sociais, em geral, similar e consideram que a principal vantagem de terem um perfil numa rede social é para trocar informação. Em relação à finalidade, esta realidade é diferente para os dois perfis de alunos pois, no caso da turma Y, é para lazer e entretenimento e no caso da turma Z é para atividade de comunicação.

Já na análise da utilização do SAPO Campus, a principal conclusão é a de que a utilização das ferramentas é diferente para as duas turmas, e ainda que a turma Z com um perfil mais tecnológico tenha utilizado, de uma forma global, mais a plataforma e as suas ferramentas. Este resultado é importante pois ajuda na resposta à questão de investigação e a um dos objetivos do estudo, percebendo-se que os alunos de perfis diferentes utilizam as ferramentas de forma diferente. Pelo facto dos alunos da turma Z conseguirem falar diretamente das ferramentas e os da turma Y o fazerem de uma forma mais indireta, isso também pode indicar que o perfil do aluno também terá influência na utilização das ferramentas.

Para verificar outro objetivo da investigação que era perceber se o perfil do professor influenciaria na utilização das ferramentas, utilizaram-se os *logs*. A partir dos resultados apurados na análise dos *logs* concluiu-se que há uma grande diferença na utilização pelos professores,

sendo o professor da área de informática o que apresentou valores superiores de atividade geral na plataforma. Neste ponto é possível concluir que nos grupos em que os alunos das duas turmas estão envolvidos, a atividade dos alunos é semelhante. Também na análise da atividade dos professores por ferramenta, o professor 1 tem valores superiores em todas as ferramentas, sendo que em algumas o professor 2 não tem nenhuma atividade.

Os resultados podem-nos levar a concluir que o professor tem influência na forma de utilização das ferramentas da plataforma por parte dos alunos e um resultado que pode ajudar a esta conclusão é que numa das turmas onde o estudo iria decorrer a adesão ao trabalho e à plataforma foi muito fraca por parte dos alunos. Uma possível explicação para este problema foi o facto do professor envolvido nesse trabalho não ter muitas competências tecnológicas e ainda o facto de haver alguma eventual falta de “provocação para a utilização da plataforma” por parte desse professor.

Podemos reforçar esta perceção ao pesquisarmos as palavras mais referidas na entrevista, sendo uma delas a palavra professor, aparecendo mais predominantemente na turma Y. Desta análise podemos perceber que esta palavra é possivelmente um fator importante na utilização da plataforma.

5.2 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

No decurso deste estudo verificaram-se alguns obstáculos na realização das atividades. Um dos principais esteve relacionado com o facto de uma das turmas onde o estudo iria decorrer não utilizar, de todo, a plataforma, tendo essa turma sido substituída por uma outra de perfil idêntico. Este ponto dificultou o estudo pois a calendarização teve que se alterar para poder incluir a turma selecionada para substituir a primeira.

Um dos fatores que pode explicar a fraca adesão ao trabalho é o facto do professor envolvido nesse trabalho não ter muitas competências tecnológicas e ainda o facto de haver alguma eventual falta de “provocação para a utilização da plataforma” por parte desse professor.

O facto do número de participantes ser relativamente reduzido e de só abranger participantes do ensino secundário pode ser também restritivo para o estudo.

Finalmente, uma outra limitação do estudo está relacionada com alguma subjetividade inerente aos estudos que recorrem a instrumentos de cariz qualitativo e em que os resultados se baseiam em técnicas de análise de conteúdo em que o investigador assume o papel principal.

5.3 ESTUDOS FUTUROS

O estudo das redes sociais tornou-se um tema de grande relevância para a investigação em educação, considerando que as pessoas podem aprender também através destas, ampliando o contexto de sala de aula para fora das paredes da escola.

Em relação a futuros trabalhos seria interessante estudar, mais pormenorizadamente e com uma amostra maior, com mais alunos e possivelmente com outras escolas, como é que os alunos comunicam entre pares e com os professores e a instituição escola, utilizando as redes sociais.

Outra vertente para um futuro estudo poderia estar relacionada com a utilização destas ferramentas para comunicação na estrutura organizativa das escola e entre as escolas e outras instituições às quais estão ligadas.

Por último, seria igualmente interessante estudar o perfil de utilização das redes sociais por parte dos professores mais profundamente, a sua influência na literacia digital dos alunos e na utilização, por parte destes, das ferramentas das redes sociais no processo de ensino e aprendizagem.

5.4 REFLEXÃO FINAL

Como súpula e reflexão final deste estudo percebeu-se que um elemento essencial na utilização das ferramentas das redes sociais em contexto escolar é o professor. Este deve “provocar” os alunos em relação à utilização das plataformas, caso contrário a utilização das ferramentas por parte dos alunos pode não ocorrer como esperado.

Relacionado com este aspeto percebeu-se ainda que o perfil tecnológico do professor e dos alunos parece influenciar a forma como estes usam a plataforma. Durante o estudo percebeu-se que os alunos com um perfil mais tecnológico, ou seja os que frequentam um curso profissional de multimédia diferenciam-se dos que frequentam o curso de prosseguimento de estudos pois revelaram utilizar mais e com maior profundidade as ferramentas da plataforma, conseguindo por exemplo referir-se a estas de uma forma muito mais específica durante a entrevista.

Para além disso, aparentemente, os alunos quando motivados continuam a utilizar a plataforma fora das atividades letivas e mesmo fora da escola. Em termos de ferramentas apurou-se que as mais importantes, neste caso concreto, foram os grupos, *blogs* e vídeos pois os alunos usaram-nas maioritariamente para a realização dos trabalhos propostos. Outra funcionalidade que foi bastante importante foram os estados, pois vários alunos utilizaram-na para tirar dúvidas entre si e com os professores.

Um dos objetivos do estudo era ainda perceber quais seriam as ferramentas mais importantes a implementar na plataforma. Uma delas, os ficheiros, foi implementada durante o período final de redação da dissertação. Ainda assim, percebeu-se que seriam importantes as seguintes ferramentas: *chat*, agenda, testes e jogos.

Em síntese, parece ser necessário um empenho maior não só dos professores no sentido de conduzirem os alunos na sua aprendizagem, mas também dos próprios alunos, de forma a utilizarem as ferramentas disponibilizadas nas redes sociais de uma maneira construtiva e de uma forma que lhes permita aprender de forma autónoma e interligada aos seus interesses pessoais, porque só assim estas tecnologias poderão constituir-se como espaços de aprendizagem.

Tal como salienta Ally (2004), é necessário que cada estudante seja “*able to interact within their context to personalize information and construct their own meaning*” (Ally,2004).

6 REFERÊNCIAS

1. Alejandro, V., & Norman, A. (2005). *Manual introdutório à Análise de Redes Sociais.- medidas de centralidade*. disponível em: http://xa.yimg.com/kq/groups/24057900/2145848156/name/Manualintrodutorio_ex_ucinet.pdf. [Consultado em outubro de 2013]
2. Ally, Mohamed (2004). Foundations of Educational Theory for Online Learning. In: Terry Anderson; Fathi Elloumi (editores). *The Theory and Practice of Online Learning*. Canadá: Athabasca University. Disponível em: http://cde.athabascau.ca/online_book/pdf/TPOL_book.pdf. [Consultado em outubro de 2013]
3. Alves, N.; Leite, Regina Garcia (Org.) (2000). *O sentido da escola*. Rio de Janeiro: DP& A Ed.
4. Anderson, P. (2007) What is Web 2.0? Ideas, technologies and implications for education, *JISC Technology & Standards Watch*, 1-64. Disponível em: <http://www.jisc.ac.uk/media/documents/techwatch/tsw0701b.pdf>. [Consultado em de dezembro de 2012]
5. Amelung, C., Laffey, J., & Turner, P. (2007). Supporting collaborative learning in Em Linha higher education through activity awareness. In C. A. Chinn, G. Erkens, & S. Puntambekar (Eds.), *Proceedings of the Computer Supported Collaborative Learning Conference*. New Brunswick, NJ. [Em Linha]. Disponível em http://www.cansaware.com/Files/documents/CANS-CSCL_FINAL.pdf [Consultado em de dezembro de 2012]
6. Area, M. (2010). Las Redes Sociales en Internet como espacios para la formación del profesorado. *Revista Mexicana Razón y Palabra*, 63. Disponível em: <http://www.redalyc.org/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=199520798005>. [Consultado em de dezembro de 2012]
7. Bohn, V. (2009). As redes sociais no ensino: ampliando as interações sociais na web. Disponível em: <http://www.conexaoprofessor.rj.gov.br/temas-especiais-26h.asp>. [Consultado em de outubro de 2012]
8. Brandtzaeg, Petter Bae & Heim, Jan; (2007). Initial context, user and social requirements for the Citizen Media applications: Participation and motivations in off- and online communities. *Citizen Media Project*. Disponível em: <http://www.conexaoprofessor.rj.gov.br/temas-especiais-26h.asp>. [Consultado em de outubro de 2012]
9. Brennand, Edna G. G.(2006). Hipermídia e novas engenharias cognitivas nos espaços de formação. XIII ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Políticas educacionais, tecnologias e formação do educador: repercussões sobre a didática e as práticas de ensino. Recife. Disponível em: http://www.pe.senac.br/ascom/congresso/Palestras/14_09/Tarde/Edna_Ivani_Acacia/Edna_Brennand.ppt. [Consultado em de outubro de 2012]
10. Carmo, H.; Ferreira, M. M. (1998). *Metodologia da Investigação: Guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta

11. Castells, Manuel (2004). *A Galáxia Internet: Fundação Calouste Gulbenkian*. Lisboa: Jorge Zahar Editor.
12. Carroll, J. Howard, S., Vetere, F., Peck, J. And Murphy, J. (2002). Just what do the youth of today want? Technology appropriation by young people. In R. Sprague, J. Waikoloa (Eds.), *Proceedings of the 35th Annual Hawaii International Conference on System Sciences* (pp. 131-132). Washington, DC: IEEE Computer Society. Disponível em: http://www.hicss.hawaii.edu/HICSS_35/HICSSpapers/PDFdocuments/ETMIRO2.pdf [Consultado em outubro de 2012]
13. Carvalho, A. A. A. (2007). Rentabilizar a internet no ensino básico e secundário : dos recursos e ferramentas online aos LMS. In: "Sísifo : revista de ciências da educação". ISSN 1649-4990. 3 (2007) 25-40. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7142/1/sisifo03PT02.pdf>. [Consultado em outubro de 2012]
14. Cheung, C., Chiu, P-Y, & Lee, M. (2011). Online social networks: Why do students use Facebook?. *Computers in Human Behaviour* 27. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0747563210002244>. [Consultado em outubro de 2012]
15. Cole, M.; John-Steiner, V.; Scribner, S.; Souberman, E. (2008). *A formação Social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes. Disponível em: <http://stoa.usp.br/pe2012/files/1/19129/Internalização+das+funções+psicológicas+superiores>. [Consultado em outubro de 2012]
16. Costa, F. A. (2009). Um breve olhar sobre a relação entre as tecnologias digitais e o currículo no início do Séc. XXI. In P. Dias e A. Osório (Eds.), *Actas da VI Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação, Challenges 2009*. Braga: Universidade do Minho. 293-307. Disponível em: <http://lisboa.academia.edu/fernandoalbuquerquecosta/Papers/763740>. [Consultado em outubro de 2013]
17. Degele, N. (1997) *Appropriation of technology as a creative process, Creativity and Innovation Management*. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download;jsessionid=A3783403333AD52C51FA0646E70E00FA?doi=10.1.1.195.7541&rep=rep1&type=pdf>. [Consultado em outubro de 2012]
18. EDUCAUSE (2007). *7 Things You Should Know About Facebook II*. [Online]; Disponível em: <http://net.educause.edu/ir/library/pdf/ELI7025.pdf>. [Consultado em novembro de 2012].
19. Gallo, P. (2006). Orkut como ferramenta de aprendizagem. IN: MERCADO, Luis Paulo Leopoldo (org.). *Experiências com tecnologias de informação e comunicação na educação*. Maceió: EDUFAL Disponível em: http://books.google.pt/books?hl=pt-BR&lr=lang_en7Clang_pt&id=5hyT1VAUEnAC&oi=fnd&pg=PA47&dq=GALLO,+Patr%C3%ADcia.+Orkut+como+ferramenta+deaprendizagem.&ots=RNPeeRzKx1&sig=KzVPXRUFnqOYVnQ1P_umFNRTkSA&redir_esc=y. [Consultado em novembro de 2012]
20. Gardner, H. (2000). *Inteligências múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artes Médicas. Disponível em: <http://chasqueweb.ufrgs.br/~leticiastrehl/HowardGardner.pdf>. [Consultado em novembro de 2012]

21. Giles, J. (2005). Internet encyclopaedias go head to head. *Nature*, Vol. 438 (2005), pp. 900-901 [Em Linha]. Disponível em: http://www.u.arizona.edu/~trevors/nature_15dec2005_wikipedia.pdf. [Consultado em dezembro de 2012]
22. Google oficial blog (2013), Insights from Googlers into our products, technology and the Google culture Disponível em: <Http://googleblog.blogspot.pt/2012/10/celebrating-teachers-who-make.html>. [Consultado em dezembro de 2012]
23. Hamid, S., Chang, S., and Kurnia, S. (2010) Investigation of the use and benefits of Online Social Networking (OSN) in higher education. Disponível em: http://people.eng.unimelb.edu.au/sherahk/Papers/2010/Suraya_EISTA_2010.pdf. [Consultado em dezembro de 2012]
24. Hemmi, A., Bayne, S., and Land, R. (2009) The appropriation and repurposing of social technologies in higher education. Disponível em: http://www.malts.ed.ac.uk/staff/sian/JCALpaper_final.pdf. [Consultado em janeiro de 2013]
25. Holmes B.; Tangney B.; Fitzgibbon, A.; Savage, T.; Mehan, S. (2001). Communal Constructivism: Students constructing learning for as well as with others. In: Society for IT in =ducation (SITE) 2001 conference proceedings. Disponível em: <https://www.cs.tcd.ie/publications/tech-reports/reports.01/TCD-CS-2001-04.pdf>. [Consultado em janeiro de 2013].
26. Jonsson, L. (2004). Appropriating Technologies in Educational Practices Studies in the Contexts of Compulsory Education, Higher Education, and Fighter Pilot Training. (Doctoral Thesis). Disponível em: https://gupea.ub.gu.se/bitstream/2077/10515/1/gupea_2077_10515_1.pdf [Consultado em janeiro de 2013]
27. Kennedy , G, et al. (2009) Educating the Net Generation: A handbook of findings for practice and policy, Creative Commons, CA, USA. Disponível em : http://www.olt.gov.au/system/files/resources/CG625_Melbourne_Kennedy_Handbook_July09.pdf. [Consultado em janeiro de 2013]
28. Kane, G. C and Fichman, R. G. (2009) The shoemaker's children: Using wikis for Information Systems teaching, research and publication, Disponível em: <https://www2.bc.edu/~fichman/KaneFichman2008.pdf>. [Consultado em dezembro de 2013]
29. Kaplan, A.M and Haenlein, M. (2010) Users of the world, unite! The challenges and opportunities of social media. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0007681309001232>. [Consultado em dezembro de 2013]
30. Kenski, V. M. (2003). Tecnologias e ensino presencial e a distância. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=dWdWPHkGCEkC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. [Consultado em dezembro de 2013]
31. Lévy, Pierre (1999). Ciberultura. Rio de Janeiro: Editora 34. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=7L29Np0d2YcC&printsec=frontcover&hl=pt->

BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. [Consultado em dezembro de 2013]

32. Mcloughlin, C. & Lee, M. (2007). Social software and participatory learning: Pedagogical choices with technology affordances in the Web 2.0 era. In ICT: Providing choices for learners and learning. Proceedings ascilite Singapore. Disponível em: <http://www.ascilite.org.au/conferences/singapore07/procs/mcloughlin.pdf>. [Consultado em dezembro de 2012]
33. Miallaret, G. (1985). *Introduction aux sciences de l'éducation*. Lausanne : Unesco – Delachaux e Niestlé.
34. Minhoto, P., & Meirinhos, M. (2011). As redes sociais na promoção da aprendizagem colaborativa: um estudo no ensino secundário. *Educação, Formação & Tecnologias*, 4(2), 25-34 [Online], disponível a partir de <http://eft.educom.pt>. [Consultado em dezembro de 2012]
35. Moran, J. M., Masetto, M. T., Behrens, M. (2000) *A. Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Disponível em: http://books.google.pt/books?id=i7uhwQM_PyEC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. [Consultado em dezembro de 2012]
36. Moreira, A. (2003). *Elaboração de projetos de investigação - texto enquadrador*
37. Mota, J. C. (2009). *Da Web 2.0 ao E-learning 2.0*. Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação. Universidade Aberta. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/1381>. [Consultado em dezembro de 2012]
38. Munoz, C. L. and Towner, T. L. (2009) *Opening Facebook: How to use Facebook In the college classroom*. Disponível em: <http://www46.homepage.villanova.edu/john.immerwahr/TP101/Facebook.pdf>. [Consultado em dezembro de 2012]
39. Nielsen, (2012), *Social Media Report (2012)* Disponível em <http://blog.nielsen.com/nielsenwire/social/2012/>. [Consultado em dezembro de 2012]
40. Oliveira, C. C. de, *et al.* *Ambientes informatizados de aprendizagem (2010)*. In: Costa, J. W. Da; Oliveira, M. A. M. (orgs). *Novas linguagens e novas tecnologias: educação e sociabilidade*. Disponível em: <http://www.virtual.ufc.br/aires/UNOPARVIRTUAL/textos/ambientesvirtuais.pdf>. [Consultado em dezembro de 2012]
41. O'Reilly, T., (2005) "What Is Web 2.0, Design Patterns and business Models for the Next Generation of Software" Disponível em: <http://oreilly.com/web2/archive/what-is-web-20.html>. [Consultado em dezembro de 2012]
42. Pempek, T., Yermolayeva, Y. Y Calvert, S. (2009) "College students' social networking experiences on Facebook" *Journal of Applied Developmental Psychology*, no 30. 227–238 Páginas. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0193397308001408>. [Consultado em novembro de 2012]

43. Pettenati, Maria Chiara & Ranieri, Maria; (2006). Informal learning theories and tools to support knowledge management in distributed cops. IN *Innovative Approaches for Learning and Knowledge Sharing, EC-TEL. Workshop Proceeding*. Disponível em: <http://ceur-ws.org/Vol-213/paper47.pdf> . [Consultado em novembro de 2012]
44. Primo, A, e Brambilla A. M.,(2005), Software social e construção do conhecimento, Redes.com. Disponível em: <http://www.revista-redes.com/index.php/revista-redes/article/view/64/59>. [Consultado em outubro de 2013]
45. Ramos, J. L.; Leask, M.; Younie, S.; Holmes, B.; Savage, T.; Arnedillo, M.; Tangney, B. (2003). Construtivismo Comunal: Esboço de uma teoria emergente no campo da utilização educativa das TIC na escola, no currículo e na aprendizagem. In: 1o Encontro Ibérico de Tecnologias da Informação – EVOLUTIC 2003. Disponível em: http://www.educom.pt/ccnonio/pdfs/construtivismo_comunal.pdf. [Consultado em dezembro de 2012]
46. Razavi, M. N. & Iverson, L. (2006). A grounded theory of information sharing behavior in a personal learning space. In *Proceedings of the 2006 20th anniversary conference on Computer supported cooperative work (CSCW '06)*. ACM, New York, NY, USA, 459-468. Disponível em: <http://dl.acm.org/citation.cfm?id=1180946>. [Consultado em novembro de 2012]
47. Salvat, B. G. (2002). Nuevos Medios para Nuevas Formas de Aprendizaje: el uso de los videosjuegos en la enseñanza. In: Revista De tecnologias de la Información y Comunicación Educativas, ISSN 1696-0823, No 3. Disponível em: http://reddigital.cnice.mec.es/3/firmas_nuevas/gros/gros_1.html. [Consultado em dezembro de 2012]
48. Santos, C., & Pedro, L. (2009). Sapo Campus: a social media platform for higher education. In *V International Conference on Multimedia and Integrating ICT In Education*. Disponível em : <http://www.docstoc.com/docs/24419056/SAPO-Campus-a-social-media-platform-for-Higher-Education>. [Consultado em novembro de 2012]
49. Santos, C., Pedro, L., & Almeida, S. (2011). Sapo Campus: promoção da utilização de serviços da Web social em contexto educativo. *Educação, Formação & Tecnologias*, 4 (2), 76-88. Disponível em: <http://eft.educom.pt/index.php/eft/article/view/257/147>. [Consultado em dezembro de 2012]
50. Santamaría, F. (2010). Redes sociales educativas. *Nuevas tendencias de e-learning y actividades didácticas innovadoras* 173-181. Madrid: Landeta CEF. Disponível em: <http://www.libro-elearning.com/redes-sociales-educativas.html>. [Consultado em dezembro de 2012]
51. Selwyn, N. (2007). *Screw Blackboard... do it on Facebook! an investigation of students' educational use of Facebook*. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/513958/Facebookseminar-paper-Selwyn>. [Consultado em outubro de 2013]
52. Siemens, G. (2003). Learning Ecology, Communities, and Networks: Extending the Classroom. elearnspace. Disponível em: http://www.elearnspace.org/Articles/learning_communities.htm. [Consultado em dezembro de 2012]

53. Siemens, G. (2004). *Connectivism: A Learning Theory for the Digital Age*. Disponível em: <http://www.elearnspace.org/Articles/connectivism.htm>. [Consultado em dezembro de 2012]
54. Siemens, G. (2005). *Connectivism: A learning theory for a digital age*. *International Journal of Instructional Technology and Distance Learning*, 2 (1). Disponível em: http://www.itdl.org/journal/jan_05/article01.htm. [Consultado em dezembro de 2012]
55. Siemens, G. (2008). *New structures and spaces of learning: The systemic impact of connective knowledge, connectivism, and networked learning*. In: *Actas do Encontro sobre Web 2.0*. Braga- Portugal: Universidade do Minho. Disponível em: http://elearnspace.org/Articles/systemic_impact.htm. [Consultado em dezembro de 2012].
56. Stephenson, K.(2004.) *What Knowledge Tears Apart, Networks Make Whole*. (Internal Communication, no. 36. Disponível em: <http://www.netform.com/html/icf.pdf>. [Consultado em dezembro de 2012].
57. Surman, M., & Reilly, K. (2003). *Appropriating the internet for social change: towards the strategic use of networked technologies by transnational civil society organizations*. New York, NY: Social Science Research Council. Disponível em: http://programs.ssrc.org/itic/civ_soc_report/. [Consultado em dezembro de 2012].
58. Vilelas, José (2009) – *Investigação : o processo de construção do conhecimento*. Lisboa : Edições Sílabo.
59. Waycott, J. (2004) *The appropriation of PDAs as learning and workplace tools: An Activity Theory perspective*, PhD thesis, The Open University, United Kingdom. Disponível em: <http://kn.open.ac.uk/public/document.cfm?docid=10321>. [Consultado em dezembro de 2012]
60. Yin, R. K. (2002). *Estudo de caso. Planejamento e métodos*. Porto Alegre: Artmed, tradução do original de 1994, *Case study research: design and method*, Sage Publications.
61. Yin, R. K. (2003). *Case studies research: design and methods*. 3a ed.. Thousands Oaks: Sage. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/public/journals/110/textos/estudodecaso.doc>. [Consultado em outubro de 2012]
62. Yin, R. K. (2005) (editor). *Introducing the world of education. A case study reader*. Thousand Oaks: Sage Publications. Disponível em: http://books.google.pt/books?hl=pt-BR&lr=lang_en%7Clang_pt&id=tdiWgGRrG5MC&oi=fnd&pg=PR9&dq=%22Introducing+the+world+of+education%22&ots=9mwx2a6lcN&sig=qnUlcIDQsxDPIRcnBlk7r9p9XHs&redir_esc=y#v=onepage&q=%22Introducing%20the%20world%20of%20education%22&f=false. [Consultado em outubro de 2012]

7 ANEXOS

7.1 ANEXO 1 - AUTORIZAÇÃO ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

Agrupamento de escolas de mira

Rua Óscar Moreira da Silva 3070 Mira
Telefones : 231458512/231458682
Fax: 231458685
Email: Info@esec-mira.rcts.pt

Exmo Sr:

Encarregado de Educação do aluno _____ nº _____

No âmbito da dissertação para a conclusão do mestrado em Comunicação Multimédia as turmas do 12°C/12°E vão desenvolver, nas disciplina de Português e Técnicas Multimédia, uma estratégia pedagógica que pretende recorrer à utilização das redes sociais como ferramentas úteis no processo de ensino e aprendizagem. Para este efeito vai ser usada a rede social SAPO Campus. Este estudo tem como finalidade perceber como é que os alunos utilizam as redes sociais e como é que estas podem ser utilizadas na escola para o processo de aprendizagem.

Pretende-se que os alunos:

- utilizem as suas destrezas nas ferramentas das redes sociais num contexto escolar; -
- umentem a sua autonomia enquanto agentes no processo educativo;-interajam com os seus pares para construir, colaborativamente, o conhecimento;

O professor

David Oliveira

Tomei Conhecimento

O Enc. de Educação _____

7.2 ANEXO 2 - PLANIFICAÇÃO ATIVIDADE 12ºC

Com a turma do 12ºC, realizei um trabalho experimental com uma nova plataforma, o *SAPO Campus*, que, com um conjunto de ferramentas que a aproximam das fornecidas pelas redes sociais, motiva os alunos para a sua utilização e permite um trabalho colaborativo sistemático, suscitando uma reflexão sobre os mais variados temas relacionados com a disciplina, bem com o esclarecimento de dúvidas em tempo real através do método e-learning, que se revelou importante para a preparação para o exame nacional após a conclusão das atividades letivas na escola.

No decurso do terceiro período, pedi aos alunos que elaborassem trabalhos que, tendo como objeto de análise o “Memorial do Convento” de José Saramago, apresentassem uma abordagem criativa daquelas que constituem as linhas de força do romance. Desta forma, o tema a abordar seria da inteira responsabilidade do grupo de trabalho, bem como o produto final.

Os alunos, se assim o entendessem, poderiam ir lançando, na disciplina criada para o efeito na plataforma, mesmo que de forma parcial, os diversos produtos do seu trabalho, podendo também tecer comentários aos trabalhos produzidos pelos outros grupos.

Finalmente, os trabalhos seriam apresentados na aula com o recurso à plataforma do *SAPO Campus*.

1. Duração

A atividade decorreu durante o terceiro período, em horário extraletivo, tendo sido definido o dia 1 de junho como data limite para a apresentação do trabalho final na plataforma.

2. Objetivos da aprendizagem

- Mobilizar conhecimentos prévios;
- Determinar a intencionalidade comunicativa;
- Apreender os sentidos dos textos;
- Reconhecer a dimensão estética e simbólica da língua;
- Programar a produção da escrita e da oralidade observando as fases de planificação, execução, avaliação;
- Adequar o discurso à situação comunicativa;
- Utilizar técnicas de pesquisa em vários suportes;
- Desenvolver a capacidade de utilizar e avaliar informações de modo crítico e autónomo.

3. Avaliação

A avaliação incidirá sobre o trabalho final disponibilizado na plataforma (70%) e a apresentação em sala de aula (30%).

Vítor Fernandes

7.3 ANEXO 3 - PLANIFICAÇÃO ATIVIDADE 12ºE

CURSO PROFISSIONAL DE MULTIMÉDIA – 12ºE

Técnicas Multimédia - MÓDULO 10 – Produção de audiovisuais

Proposta de atividade para realizar no SAPO Campus

1. Apresentação

A atividade proposta pretende que os alunos realizem um *storyboard* de um produto audiovisual, que neste caso será uma curta metragem sobre um tema à escolha pelos alunos. A atividade será efetuada em conjunto por todos os alunos da turma e a divisão das tarefas ficará a cargo dos alunos. Como ferramenta colaborativa utilizarão primordialmente o SAPO Campus, podendo no entanto utilizar outros recursos para levar a cabo a atividade. Esta atividade não será guiada, querendo isto dizer que os alunos não serão instruídos de quais ferramentas deverão usar. O produto final será o *storyboard* da curta e o respetivo filme. Todo o trabalho deverá ser documentado. No fim será aplicado um questionário aos alunos.

2. Duração

A atividade será desenvolvida durante 30 horas.

3. Objectivos de Aprendizagem

- Descrever as diferentes técnicas utilizadas na realização de um produto audiovisual.
- Planificar a produção de um conteúdo audiovisual.
- Produzir e realizar um produto audiovisual.
- Criação de um storyboard.

4. Avaliação

A atividade proposta será avaliada tendo em conta o produto final(vídeo) – 50%, o relatório(incluindo o storyboard) – 35 % e a apresentação do projeto – 15%.

David Oliveira

7.4 ANEXO 4 - PLANIFICAÇÃO ATIVIDADE 11ºC

Agrupamento de Escolas de Mira

Trabalho de Grupo

Filosofia: 11.ºAno

11.º C

Tema: Discurso Publicitário

Objetivo: Compreender a especificidade do discurso publicitário

- 1- Caracteriza o discurso publicitário.
- 2- A partir de um anúncio publicitário, responde às seguintes questões:
 - a) o possível auditório a que se dirige;
 - b) as necessidades a que responde;
 - c) as necessidades que cria;
 - d) a possível sedução implícita;
 - e) as promessas veladas;
 - f) as associações que sugere;
 - g) a visão do mundo que propões.

Notas:

- a) o trabalho será realizado fora das atividades letivas, de forma colaborativa (grupos de 4 alunos), recorrendo livremente às ferramentas que a plataforma *SAPO Campus* disponibiliza;
- b) o trabalho deverá ser entregue no dia 28 de novembro com apresentação à turma, utilizando a plataforma;
- c) avaliação: 50% (escrita), 50% (apresentação).

Carlos Ferreira

13/11/12

7.5 ANEXO 5 - QUESTIONÁRIO

Questionário

Este questionário insere-se no âmbito de um projeto de investigação do Mestrado em Comunicação Multimédia da Universidade de Aveiro, que pretende estudar como é que os alunos do ensino secundário e profissional se apropriam das ferramentas da rede social SAPO Campus. Venho solicitar a vossa colaboração no preenchimento. A informação recolhida é anónima e confidencial e a duração prevista de preenchimento é de 5 minutos

Agradeço a vossa colaboração.

Idade:

Sexo:

Ano de escolaridade:

Caraterização da utilização de redes sociais

1. Costuma utilizar as redes sociais? Se sim, quantos dias por semana?
 - a) Todos os dias
 - b) 2 – 3 dias por semana
 - c) Só ao fim-de-semana

2. Sempre que acede, quanto tempo dedica por dia?
 - a) 30 minutos
 - b) 1 hora
 - c) > 1,5 horas

3. Quando utiliza as redes sociais normalmente usa-as por questões:
 - a) Pessoais
 - b) Escolares
 - c) Ambas
 - d) Outros

4. Em que altura do dia?
 - a) Manhã
 - b) Tarde
 - c) Fim da tarde

5. Na sua opinião, qual a vantagem de ter um perfil numa rede social?
 - a) Encontrar amigos
 - b) Novas amizades
 - c) Troca de informação fácil e rápida
 - d) Acompanhamento de atualizações
 - e) Motivos escolares

6. Com que finalidade utiliza as redes sociais?
- a) Lazer e entretenimento
 - b) Comunicação
 - c) Escola
 - d) Outro. Qual? _____

Relativamente ao SAPO Campus

7. Indique as 3 ferramentas que mais utiliza no SAPO Campus?
- a) Vídeos
 - b) Post no blog
 - c) Fotos
 - d) Links
 - e) Estado
8. Quantos posts faz em média por dia?
- a) <2
 - b) 3-5
 - c) 5-10
 - d) >10
9. Quantos comentários faz em média por dia?
- a) <2
 - b) 3-5
 - c) 6-10
 - d) >10
10. Que tipo de vídeos costuma partilhar mais vezes?
- a) Vídeos de Lazer (música, filmes, etc)
 - b) Vídeos de Trabalhos Escolares
 - c) Outro. Qual? _____
11. Costuma fazer upload de vídeos na plataforma?
- a) Sim
 - b) Não
12. Se respondeu sim na questão anterior quantos?
- a) <2
 - b) 3-5
 - c) 6-10
13. Costuma por estados com links para vídeos?
- c) Sim
 - d) Não

14. Se respondeu sim na questão anterior quantos?
- d) <2
 - e) 3-5
 - f) 6-10
15. Que tipo de Fotos costuma partilhar mais vezes?
- a) Fotos pessoais
 - b) Fotos partilhadas na internet
 - c) Fotos em ambiente escolar
 - d) Fotos para trabalhos escolares
 - e) Outros
16. Quantas fotos põe por semana?
- a) <2
 - b) 3-5
 - c) 6-10
 - d) >10
17. Que tipo de Links costuma partilhar mais vezes?
- a) Links relacionados com a escola
 - b) Conteúdos para as disciplinas
 - c) Conteúdos para diversão
18. Quantos links põe por semana?
- a) <2
 - b) 3-5
 - c) 6-10
 - d) >10
19. Quantos Blogs tem no SAPO Campus para além do inicial?
- a) 1
 - b) 2
 - c) >3
20. Como usa o(s) seu (s) Blog?
- a) Disciplinas escolares
 - b) Hobbies
 - c) Amigos
 - d) Outro. Qual? _____
21. Caso tenha um blog, quantos posts publica por semana?
- a) 1-3
 - b) 4-7
 - c) 8-10

d) >10

22. A quantos grupos pertence?

- a) Nenhum
- b) 1
- c) 2
- d) >3

23. De quanto em quanto tempo atualizas o mural?

- a) 1 vez ao dia
- b) 2-3 vezes ao dia
- c) 1 vez por semana
- d) 2-3 vezes por semana

24. Costumas referenciar amigos nos posts?

- a) Sim
- b) Não

25. Quantas pessoas segues?

- a) <10
- b) 10-20
- c) 21-50
- d) >50

26. Em termos gerais indique as 3 ferramentas que mais utiliza nos trabalhos escolares?

- a) Vídeos
- b) Fotos
- c) Post no blog
- d) Links
- e) Estado
- f) Outra ferramenta fora do SAPO Campus. Qual? _____

27. Considera os Badges uma ferramenta importante para a plataforma?

- a) Sim
- b) Não
- c) Não tenho opinião

28. Se respondeu sim ou não na resposta anterior diga porquê?

29. Que outras funcionalidades gostaria de ter?

- a) Ficheiros
- b) Testes

- c) Agenda
- d) Notas
- e) Outra. Qual? _____

OBRIGADO PELA DISPONIBILIDADE!

David Oliveira

7.6 ANEXO 6 - GUIÃO ENTREVISTA

Guião de entrevista

Esta entrevista insere-se no âmbito de um projeto de investigação do Mestrado em Comunicação Multimédia da Universidade de Aveiro, que pretende estudar como é que os alunos do ensino secundário e profissional se apropriam das ferramentas da rede social SAPO Campus. Venho solicitar a vossa colaboração no preenchimento. A informação recolhida é anónima e confidencial e a duração prevista de preenchimento é de 10 minutos

Agradeço a vossa colaboração.

1. Consideras importante o SAPO Campus no teu percurso escolar? Porquê?
2. Achas que traz vantagens no trabalho colaborativo? Se sim, quais? Se não, porquê?
3. Achas que o SAPO Campus pode melhorar a comunicação com os teus colegas e professores? De que forma?
4. Quais as ferramentas que mais utilizas no SAPO Campus?
5. Descreve como utilizaste as ferramentas da plataforma num trabalho que tenhas feito na escola? O que é que fizeste de diferente por teres usado o SAPO Campus?
6. Tens alguma sugestão de ferramentas úteis que possam ser acrescentadas no SAPO Campus para futuros trabalhos escolares?
7. Consideras que o SAPO Campus pode ser usado na escola sem ser para atividades letivas? De que forma?
8. Usas alguma das ferramentas da plataforma no teu dia a dia fora da escola? De que forma?

Obrigado

7.7 ANEXO 7 - MODELO DE ANÁLISE DA ENTREVISTA

Modelo análise entrevista:

	Categoria	Sub Categoria	Indicadores	Unidade de registo	
Os ALUNOS	Importância da plataforma	Importância no percurso escolar	<ul style="list-style-type: none"> - Partilhar documentos - Partilhar informação - Comunicar - Interagir - Publicar trabalhos - Comentar trabalhos - Entregar trabalhos - Aproximar aos professores 		
		importância no trabalho colaborativo	<ul style="list-style-type: none"> - Colaborar - Comunicar - Ajudar - Partilhar ficheiros - Partilhar informações - Partilhar opiniões - Interagir - Comentar trabalhos - Discutir assuntos - Tirar dúvidas - Interligar 		
		Importância na Comunicação	<ul style="list-style-type: none"> - Trocar informação - Trocar opiniões - Comunicar - Conhecer os outros - Enviar trabalhos - Avaliar trabalhos - Interagir - Aproximar aos professores 		
	Utilização das ferramentas	Comunicação	<ul style="list-style-type: none"> - Mensagens - Estados 		
		Interação	<ul style="list-style-type: none"> - Identificação - Favoritos 		
		Colaboração	<ul style="list-style-type: none"> - Comentários - Blogues - Grupos 		
		Partilha	<ul style="list-style-type: none"> - Estados - Vídeos - Fotos - Ficheiros 		
			Tarefas realizadas/ ferramentas	<ul style="list-style-type: none"> - Partilhar fotografias no grupo - Partilhar vídeos no grupo - Mostrar ideias - Criar storyboard com posts 	

	Modo de utilização		<ul style="list-style-type: none"> - Criar storyboard com tabelas - Criar storyboard com HTML - Publicar trabalhos no grupo - Publicar trabalhos no blog - Fazer vídeos 	
		O que se fez de diferente	<ul style="list-style-type: none"> - Criar storyboard com posts - Criar storyboard com tabelas - Criar storyboard com HTML - Publicar trabalhos no grupo - Publicar trabalhos no blog - Comentar trabalhos - Trabalhar com imagens - Fazer vídeos - Ver trabalhos colegas 	<p>“(…)criámos assim um storyboard diferente e original.(…)”</p> <p>“(…)Criámos o Storyboard de maneira diferente no SAPO Campus.(…)”</p> <p>“(…)Foi diferente a implementação dos documentos dentro do SAPO Campus.(…)”</p> <p>“(…)nosso trabalho consistiu em postar vídeos e fotografias.(…)”</p> <p>“(…)Fizemos um vídeo com as fotos e depois explicar os textos do Memorial do Convento.(…)”</p>
	Utilização	para atividades não letivas	<ul style="list-style-type: none"> - Comunicar - Partilhar eventos - Publicar fotografias - Publicar vídeos - Partilhar experiências - Publicar informação - Partilhar documentos 	
		Fora da escola	<ul style="list-style-type: none"> - Partilhar vídeos - Partilhar fotografias - Comunicar - Contactar professores - Partilhar estados - Criar blog - Grupo 	<p>“(…)tenho um blog e partilho lá fotografias. (…)”</p>
	Sugestão ferramentas futuras		-	